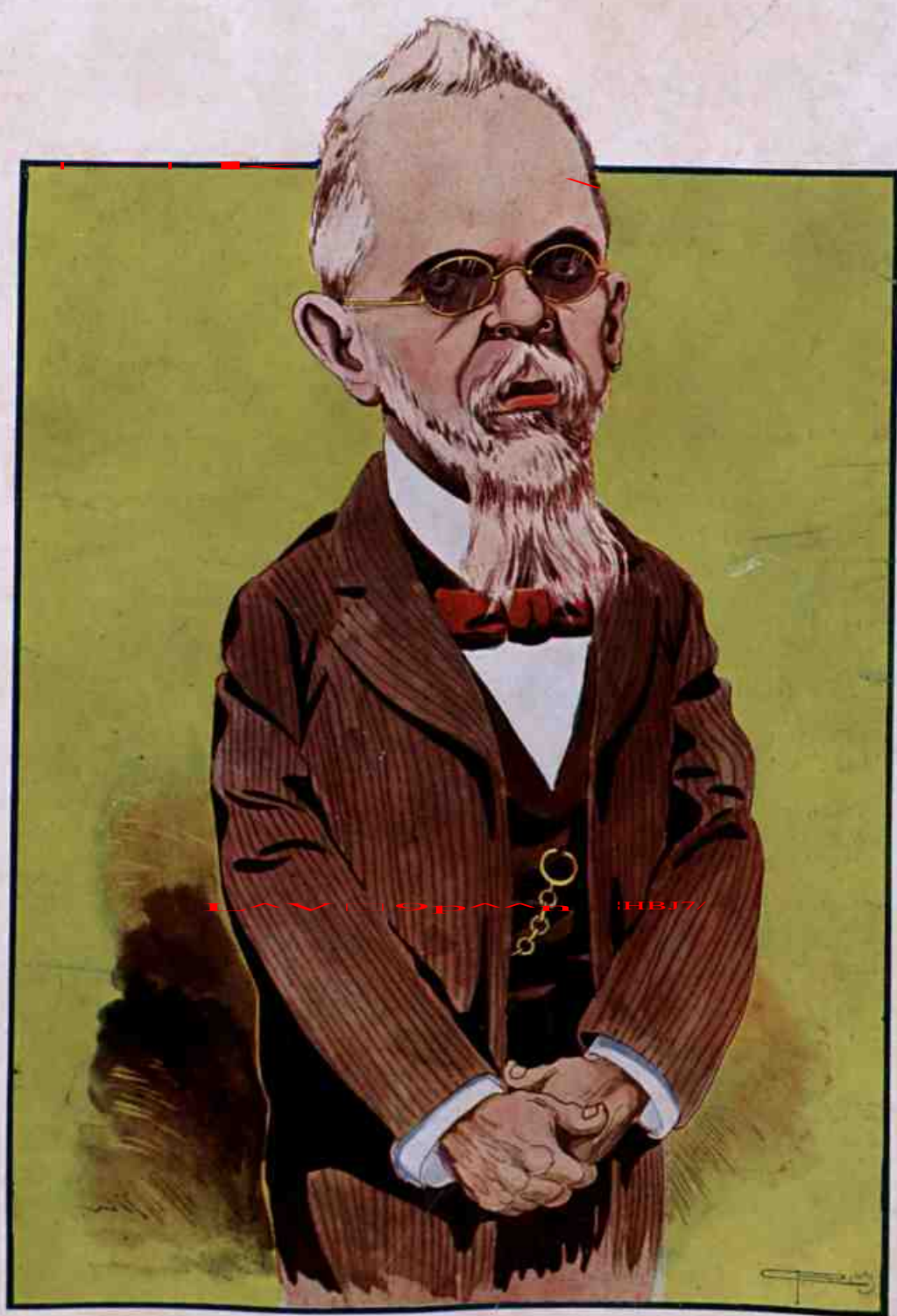
NUM. 97 SABBADO 9 DE ABRIL DE 1910 ANNO III

CARETA

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

BERNARDINO DE CAMPOS — o Quintino de S. Paulo.

OS CARÉCAS EM REVOLUÇÃO

Senhores o PILOGENIO é a nossa salvação, se não usarmos o PILOGENIO ficaremos completamente perdidos. — Viva o PILOGENIO do Pharmaceutico Francisco Giffoni... Vivôôô!!! Unico que nos salvará da pellada allopecia!!! Vivôôô!!! Unico que nos fará crescer os cabellos, os bigodes, as barbas e as sobrancelhas!!! Vivôôô!!! Abaixo os exploradores.

O "Pilogenio" vende-se no deposito geral: Drogaria de Francisco Giffoni & C.

17, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 17 (ANTIGO N. 9)

E NAS BOAS PHARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS DA CAPITAL E DOS ESTADOS

EGUALDADE

30:000$000

A "EGUALDADE" com séde no Rio de Janeiro, tem por fim dar um peculio de TRINTA CONTOS DE REIS aos herdeiros ou beneficiarios de seus socios, mediante o pagamento de uma joia de 100$, inclusive o exame medico, e da contribuição de 15$ por fallecimento de qualquer socio.

A joia poderá tambem ser paga em duas prestações semestraes de 55$ ou em quatro trimestraes de 30$000.

Desde que fique completa a série far-se-ha a remissão dos socios, em sorteios prévíamente marcados.

O socio sorteado NADA MAIS TERÁ A PAGAR, ficando com direito a um peculio de 30:000$000, para beneficiar sua familia ou pessoas que por ventura indicar.

DIRECTORIA

Director-presidente: Deputado Dr. Celso Bayma.

Director-secretario: Candido Campos.

Director-thesoureiro: Dr. Leopoldo Cunha Filho.

CONSELHO FISCAL

Dr. Joaquim Xavier da Silveira.

Deputado Dr. José Joaquim da Costa Pereira Braga.

Otto Prazeres.

SUPPLENTES

Alfredo João Ferreira de Souza Filgueiras.

Anatolio Valladares.

Oscar Rosas.

CONSELHO CONSULTIVO

Senador Dr. Arthur Lemos.

General Dr. Thaumaturgo de Azevedo.

Senador Dr. João Luiz Alves.

Deputado Dr. Duarte de Abreu.

Dr. Octavio de Souza Leão.

Deputado Coronel Honorio Gurgel.

Professor Major Hemeterio José dos Santos.

Dr. Antonio de Paula Rodrigues Alves.

Dr. Theophilo Nolasco de Almeida.

Octavio Guimarães.

PEÇAM OS ESTATUTOS Á SEDE SOCIAL

Rua 1° de Março n. 23 (moderno)

CAIXA POSTAL N. 722 — RIO DE JANEIRO

Acceitam-se agentes na Capital e no interior

REDACÇÃO E OFFICINAS: RUA DA ASSEMBLÉA, 70 — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS
ANNO . . . . 15$000 | SEMESTRE . . . . 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL . . . . 300 Rs. | ESTADOS . . . . 400 Rs.

EDIÇÃO DE "KOSMOS"

N. 97 | RIO DE JANEIRO — Sabbado — 9 — Abril — 1910 | ANNO III

UM HOMEM SEGURO

(POR TRINCA-FIGOS)

O Nunes vive a uma hora de viagem de Bello Horizonte, esperando sempre com impaciencia os mezes de janeiro e de julho, para receber os juros de suas trezentas apolices. E' um homem magro, de 60 annos, que usa oculos pretos para não gastar a vista, veste ainda hoje a sobrecasaca do casamento e nunca se senta para não furar as calças.

Quando lavrou a variola em Bello Horizonte, o Nunes pediu á Delegacia de hygiene um medico para vaccinar-lhe a familia. O medico foi, vaccinou toda a casa, acceitou uma chicara de café com cuscuz e voltou para a cidade. No dia seguinte recebeu de Mendes um bilhete: "O Sr. Dr. Fulano, deve — Uma chicara de café acompanhado, 200 réis".

O Nunes tem um grande pomar e vende fructas. Além d'esse negocio, dá hospedagem a viajantes e tem uma bitácula onde mercadeja em milho, toucinho e outros generos. Antes de ser vizinho do Nunes (porque hoje possúo perto delle uma chacara plantada de videiras onde me occupo no fabrico de vinho de campêche); antes de morar junto ao Nunes, nas minhas viagens me hospedava com elle. A mesa era commum e uma vez, ao jantar, pedi para sobremeza, laranjas. Nunes gritou para a mulher:

— Oh Anninha, traga tres laranjas.

— Quantas? perguntou uma voz de dentro.

— Tres! Duas boas para o hospede e outra bichada para mim.

— E se não houver bichadas? disse a mesma voz.

— Deixe no chão até bichar! e voltando-se para mim — Pois hei de comer uma laranja boa que vendo por um vintem?

Excellente homem o Nunes; e não se offende com brincadeiras. Conheço um cometa que de quinze em quinze dias passa pelo sitio e pousa. Na hora de pagar a conta, diz invariavelmente:

— Oh Nunes, falta aqui uma despesa na conta!

O Nunes relê a conta e responde:

— Não. Está certa. Não falta nada.

— Falta. Você hontem me deu *boa tarde*, e esqueceu de assentar!

O cometa ri, Nunes ri e promette que da proxima vez cobrará.

Nunes tem um cavallo baio, ao qual estima tanto, que lhe dá uma ração de milho por semana. O animal vive em frente á casa, melancolico, com os dentes já gastos pelo gorgulho, mas em compensação tem agua á vontade e agrado. E dalli não sahe a não ser alugado a 2$500 por dia.

Uma vez, ao levantar-me, de bom humor, eu disse ao Nunes:

— Oh Nunes, preguei-lhe uma boa peça esta noite. Andei a noite inteira no seu baio!

Elle arregalou os olhos entre surprezo e irritado.

— Sim; sonhei que depois de recolhido saltei a janella, montei o baio, fui á cidade, andei galopando por ahi a fóra e só me recolhi ás 6 da manhã.

Quando fui pagar a conta da pousada, vi com espanto, na nota: "Aluguel de um cavallo — 5$000".

— Que cavallo é este? Nunes...

— O baio!

— Mas quando montei seu cavallo?

— Você não me disse que o montou no sonho, e andou galopando por ahi?

— Mas mesmo assim, você abusou, porque o aluguel do baio é de 2$500. Todo mundo o sabe.

— E' verdade, mas esse é o preço de dia; de noite é o dobro!...

. . . .

O Nunes ficou admirado a primeira vez que viu meu vazilhame de viagem, de aluminio. Tomou o peso, indagou o preço, olhou, examinou. Por fim pediu-me que lhe comprasse no Rio um jogo de pesos de aluminio. Como eu lhe dissesse que, se houvesse pesos d'esse metal, deviam custar muito mais caro que os de ferro, elle respondeu:

— Mas são muito mais leves. Num mez eu desconto a differença.

Por essa rata podem suppor que o Nunes é um palerma. Finorio é que elle é. Ha pouco tempo elle ganhou de presente uma vacca e propoz vender-me metade. Para não contrarial-o (não gosto de questões com vizinhos) assentamos no preço, paguei e fiquei socio da vacca, deixando-a no meu pasto que confina com a sua chacara e todas as manhãs elle vinha ordenal-a. Um dia entendi não ser justo que elle só estivesse aproveitando o leite todo e reclamei a metade, na minha qualidade de socio. Nunes negou o meu direito, allegando que me tinha vendido a parte da frente. Zanguei-me e exigi que ao menos pagasse a pastagem. Tranquillamente elle recusou, dizendo que a parte delle não tinha comido capim. Estive quasi a romper relações, mas contive-me. Nunes continuou a explorar a vacca e um dia, para aproveitar o leite até a ultima gotta, pisou-lhe tanto os úberes, que o animal enfureceu, foi-lhe em cima, rasgou-lhe a roupa, as carnes, deixou-o em petição de miseria.

Quando o Nunes se levantou da cama reclamou de mim uma indemnisação, sob o fundamento de que o damno fôra causado pelos meus... isto é, pelos chifres da minha parte!

EM PETROPOLIS

O Presidente Nilo Peçanha, na entrada do palacio Rio Negro, recebendo os romeiros catholicos que lhe foram agradecer a intervenção em pról dos missionarios do Rio Branco ameaçados pela policia do Amazonas.

— Rene Odin, o grande andarilho francez, é realmente um heroe. Percorrer o mundo a pé e sem dinheiro não é graça.

— Sem dinheiro? Mas elle pede-o a toda a gente.

— Mesmo assim, é um heroismo.

— Sim. Um heroismo: atravessar o mundo com o dinheiro dos outros.

O grande homem regressava do extrangeiro. Os seus numerosos amigos, enchendo lanchas, atravessaram matutinamente as aguas placidas da bahia e foram, ao som festivo de charangas, arrancal-o de bordo do transatlantico que o transportava á patria.

O grande homem, com as faces coradas e as mãos encarceradas em luvas como toda a gente distincta que regressa da Europa, de pé, no tombadilho, risonhamente recebia os seus numerosos amigos e, embora não conhecesse a maior parte delles, a todos abraçava com enthusiasmo, carinho e importancia.

Depois, no grande salão de bordo, com a figura engrandecida aos olhos dos companheiros de viagem, o grande homem fez abrir *champagne*, escutou quatro discursos e uma caricatura de soneto e produziu uma oração immortal, apezar de não ter sido tachygraphada. Multiplicando os seus actos de encantadora amabilidade, subdividindo-se em acções de captivante gentileza, o grande homem passeava os seus numerosos amigos pelas complicações do transatlantico vasto e complicado como uma cidade...

E emquanto o grande homem fazia amabilidades os gatunos levavam-lhe as malas...

Embora lá nunca chova,
A região de Quixadá,
(Que isto, leitor, te commova)
E' tão fertil *que chá dá!*

Eis (confesso sem vergonha)
Nessa quadrinha sem brilho,
Uma mentira medonha
E um infame trocadilho.

— E o teu rapaz, como vae de estudos?

— Muito bem. Tomou bomba em portuguez e sentou praça na cavallaria.

— E dizes que vae bem de estudos?

— Então?! O rapaz estuda para presidente da republica.

— Nesse caso, tens razão.

NO CEARÁ

— Ora a brincadeira! Assignar a acta por vinte mil eleitores que não existem! Sou capaz de ficar paralytico dos dedos.

CARTAS INTIMAS

Meu amigo

Numa d'essas ultimas manhãs, que já vão refrescando com a agonia lenta do verão, postado eu á janella do meu quarto que dá para o quintal, assisti a quasi toda uma representação da grande peça que ora faz as delicias do publico parisiense — o *plat du jour* de Paris — o monumental *Chantecler*.

Ahi estava eu, justamente como Rostand no dia glorioso da inspiração: descuidado, de pyjama, a fumar, com a calma de que só dispõem as consciencias immaculadas. E o que é principal, sem gastar as libras de uma viagem á França nem os francos de um *fauteuil* do theatro da *Porte Sain-Martin*.

Eu tenho um gallo, um soberbo *cochinchina*, que reune aos seus variados dotes physicos uma *pose* inquebrantavel de perfeito grão-senhor. E é calmo: não possue aquella attitude sempre ferina e sempre bellicosa dos campeões do general Pinheiro Machado; não sacrifica o esplendor das suas lindas plumas em uma rinha vulgar de terreiro, banal e improficua. No entanto, tem esporões bem afiados, garras aduncas, bico traiçoeiro e uma crista flammante como um pennacho de batalha. Mas tudo isso não passa de um completo arsenal de paz, puramente decorativo.

N'uma d'essas manhãs, pois, em que sonhos agitados me fizeram commetter a imprudencia lamentavel de levantar cedo e postar-me ao peitoril a refrescar o espirito abatido, dou com o meu emplumado heroe, que ainda do poleiro, após um bater d'azas sêcco e compassado como para impôr silencio, solta, vibrante e claro, o magestoso "Hymno ao Sol". Obedecendo a um signal de contra-regra, o Sol espia por detraz da montanha longinqua e inunda de luz as gambiarras vastas do horizonte. Começa o espectaculo.

Um sabiá (substituindo talvez o melro de Rostand) trina em sua gaiola e um cão rosna em sua prisão, emquanto um bando de gallinhas, luzido e cosmopolita, a cacarejar, abre o primeiro acto, como um corpo de córos garrido e bem ensaiado.

Chantecler torna a cantar e o cão, não o *Patou* original, meu caro, mas o meu fiel Sultão que tu conheces desde aquella noite em que lhe ficou nos dentes um retalho das tuas bellas calças de xadrez, põe-se a contemplal-o, extatico, cioso do seu dom magnifico de saudar a Natureza. E dá para resmungar, no que eu percebo intriga feroz entre o gallo e o sabiá, que agora assobia baixinho, tristonho, olhos fitos no céo, disfarçando a medo.

N'isto, um pato a rebolar-se, ainda a espanejar-se do banho matutino, desce ao proscenio e communica que é impossivel continuar a peça porque falta uma figurante indispensavel, a Faisã. Infelizmente, meu amigo, eu não possuo uma faisã artista para salvar o espectaculo.

Mas *Chantecler*, senhor absoluto de um serralho inteiro que eu cuido e amilho carinhosamente, não é gallo que se deixe molestar com tal contratempo: escolhe uma bella gallinha, a mais taful de todas as gallinhas, e entôa jubiloso a canção dos grandes expedientes.

A peça interrompida vae seguir seu curso, quando um silvo estridente como os apitos da nossa briosa e civil guarda assusta todas as aves, que logo debandam, attrahidas por mancheias de dourado milho que salta no terreiro, disputado grão a grão por todo o meu *elenco* esfomeado. E' a caseira que apparece, gritadeira, de avental pando, e põe termo á funcção, que eu gosava commodamente, com a economia de libras e de francos, sem o torpor e o decorrer monotono das longas travessias.

Estabelece-se a confusão. Mesmo o meu bom Sultão, que promettia successo fazendo de *Patou* e adormecêra ás notas finaes do hymno ao Sol, desperta a ladrar e ameaça partir a corrente forte que a minha previdencia atou-lhe ao pescoço.

E c'est fini...

Entre la scéne e vous avons nous fait descendre Le rideau...

. . . .

. . . .

Perdoa-me a phantasia, meu bom amigo; uma noite infame de infernaes pesadelos fez-me devaneiar desvairado sobre o grande successo da capital franceza que a *Illustration* publica integralmente e cuja leitura levou-me a reconstruir a scena no meu terreiro acanhado de arrabalde pobre. Sê ainda indulgente para os humildes *artistas*; não os pateies. Guarda antes para esse louco *Metteur la scéne* a tua enfraquecida manifestação de desagrado.

Teu do coração

JOÃO DA POSTA

Da casa de um honrado cidadão d'estes que se tornam hoje tão raros, haviam roubado todos os perús e gallinhas que lhe enchiam o gallinheiro.

Como não confiasse absolutamente nas investigações do delegado da zona, o honradissimo cidadão resignou-se á perda e a ninguem communicou o prejuizo que havia soffrido.

Mas passados dias, um dos seus visinhos encontrando-o em um bond, disse-lhe:

— Será verdade o que me disseram a seu respeito?

— O que foi?

— Que os gatunos lhe haviam feito uma limpa no quintal, roubando-lhe toda a creação!

— Caluda! Não diga nada a ninguem! Olhe que só nós dous é que sabemos do caso.

SCENAS DOMESTICAS

A sala representa uma sala mesmo. Bibi, 13 annos, martela uma valsa antediluviana num piano fossil. D. Olivia, 25 annos, chinellos, despenteada, remenda uns fragmentos de meias pretas. Batem palmas na varanda. Bibi espia pela frincha da janella e corrre para dentro exclamando, de mãos juntas:

— Nossa Senhora! E' dona Malvina!

D. Olivia dispara, arrebanhando os resquicios de meias. Silencio. Novas palmas. D. Olivia sahe á varanda pela porta da sala de jantar:

— Gente! Dona Malvina! Que milagre foi esse! Está chegando agora?

— Não, dona Olivia, estou batendo ha um quarto de hora.

— Pois não ouvi, dona Malvina. Entre. Não sabe o prazer que tenho em vel-a. Ainda hoje Bibi me disse: Mamãi, estou com saudades daquella ingrata de Dona Malvina.

— Oh! bondade!...

Bibi, do corredor, faz signaes á mãi e desapparece pela porta da cosinha. A visinha sente muito mas está tambem sem café em casa. Bibi volta e do corredor faz novos signaes á mãi.

— Mas D. Olivia, eu soube que a senhora esteve doente, a senhora ou seu marido? Não me informaram bem...

— Qual! foi elle. Uma grippe sem importancia. Veio o Miguel Couto e com tres visitas deu-lhe alta.

— Ah! isso sim! Pois eu estava incommodada de não poder vir fazer uma visita. Mas ando sempre tão occupada!... Bom! Tenho de dar ainda umas voltas...

Dona Malvina levanta-se. D. Olivia segura-lhe a sombrinha e fal-a sentar-se de novo.

— Não senhora! Não ha de sahir sem o meu café. Ora, era o que faltava! Passa uma eternidade sem lembrar-se da sua amiga e quando apparece é para visita de medico.

— Pois não é por falta de vontade, D. Olivia. Se eu podesse viria dar-lhe um dedo de prosa mais frequentemente. Soube do escandalo da Moreirinha?

— Que me diz! A Moreirinha? Conte-me isso Dona Malvina. Ora, a Moreirinha!...

Dona Malvina conta o escandalo. O bilhete surprehendido, a criada despedida, o estouro, a Moreirinha sem chapéo, em pranto, tomando o bonde para a casa da mãi... D. Olivia, ouvindo o sal estalar na cosinha arrasta a cadeira para disfarçar e olha de soslaio para o corredor donde Bibi lhe faz gestos desesperados... Dona Malvina prosegue o escandalo. A Moreirinha tenta suicidar-se com vidro moido. Passa um quarto de hora. A Moreirinha afinal consola-se. Passa meia hora. O marido intenta divorcio. Passam tres quartos de hora e Dona Malvina levantou-se.

— Bem! D. Olivia. A prosa está muito boa mas preciso ainda dar umas voltas. Quando tiver tempo voltarei. E a senhora porque não apparece?

— Com as minhas occupações é muito difficil, mas quando tiver uma folga... Então é assim? Nem dá tempo de matar saudade?... E' muito cedo. Para fazer visita de medico não vale a pena.

— Não; desculpe. Mas hoje não posso. Soube que o Teixeirinha vai-se casar?

— Com quem Dona Malvina?

— Com a Nicota! Quem havia de suppor! Pois é como lhe digo. Está num rabicho com a noiva que causa nojo.

— E a mãi?

— A mãi está desolada; mas que ha de fazer? Bom, D. Olivia, vou tomar este bonde...

— Tão cedo! Nem teve tempo de sentar-se.

— Preciso ir. Adeusinho! Um beijinho a Bibi.

— Quando ella vier do collegio ha de ter um pesar...

— Adeuzinho D. Olivia!

— Adeus, Dona Malvina! Appareça.

Trocam-se beijos, a visita sae. D. Olivia contrariada reprehende a Bibi:

— Porque você não arranjou café, menina?

— Pois mamãi, a visinha não tinha. Tambem a Tagarella de Dona Malvina quando vem não quer mais sahir!!

— Arre? Uma hora! De outra vez mando dizer que não estou em casa. Estava sem esperança que ella sahisse!

— Tambem mamãi põe a gente nuns apuros!...

— Bom menina, vai estudar sua licção de piano antes que appareça outra importuna.

Bibi torna a pôr de pé o banco da cosinha, vai ao quarto, concerta o espelho que tinha virado para a parede, põe de novo a vassoura de cabo para cima e senta-se no piano. A promessa Salve Rainha, que fizera para Dona Malvina ir-se embora fica para ser cumprida de noite.

Recebemos do senador Francisco Salles um maço contendo cinco *coupons* de bond, para as victimas das innundações de Paris.

Deus lhe pague.

A felicidade

— Quem é mais feliz, um sujeito que tem mil contos ou um que tem dez filhos?

— Ora! O que tem dez filhos.

— Sim, porque o que tem mil contos sempre ha de desejar outros mil, ao passo que o que tem dez filhos estará sempre satisfeito, não ambicionando mais nem um.

Um enfant gaté

O maltrapilho. — Si aquelle estafermo tivesse um outro braço, eu iria buscar a minha mulher.

NAUTILUS

Officiaes do navio de guerra hespanhol "Nautilus" *no salão do Centro Gallego.*

O FIM DE UM HOMEM DE NEGOCIOS

Chama-se Eduardo Perdigão aquelle homem que está áquella mesa, de guardanapo mettido no collarinho e examinando com olhos cerrados, por causa da myopia, o *menu* que lhe trouxe o garçon.

E' um freguez novo na casa: procurou com certeza este *restaurant* porque é especialista em vegetaes e Eduardo Perdigão deve ter se tornado um completo, um absoluto, um phrenetico vegetaniano.

Já conto que d'aqui a dous dias Perdigão voltará a comer carne e condemnará o vegetarianismo com tamanho estrondo, que eu estou certo será capaz de se tornar um cannibal para mostrar a convicção com que faz a apologia da carne.

Porque Eduardo Perdigão é o homem que mais varia de ideias; Perdigão é um cerebro em ebulição, é a inconstancia em pessoa. Eu o conheci ha dois annos, lançando fundos na Bolsa: nunca vi berrar tanto! Parecia que aquelle homem estava de tal modo ligado á Companhia das Estradas de Rodagem Electrificadas, que a sua vida e a sua honra só dependiam da alta de seus titulos. Neste dia eu lhe fui apresentado; e Perdigão, suarento, passando o lenço pela calva, desandou a falar sobre o successo dos seus negocios:

— Caramba! Até que descobri negocio que me convem! Ha cinco dias estou aqui nesta actividade... Irra, que até dá alegria á vida este trabalhinho na Bolsa! E' a minha vocação.

Eu para ter o que dizer, perguntei:

— Então é ainda novato?

— Novato! Pois se já tenho cinco dias! Antes desta vida andei quebrando a cabeça com uma porção de porcarias: fui caixeiro viajante, banquei o bicho, vendi reliquias, fui socio de um club etc. Mas o meu geito e p'ra isto aqui, a Bolsa. Estou nos eixos!

E Perdigão ainda discorreu muito sobre os seus negocios, a vantagem de negociar na Bolsa, as delicias da Bolsa, a importancia economica da Bolsa...

— Muito prazer em conhecel-o, Sr. Perdigão, sempre ás ordens.

— Outro tanto, meu senhor! Sempre ás suas ordens, aqui na Bolsa.

Tornei a ver o Perdigão seis dias depois tomando *chopp* na Brahma; como o accaso me poz a seu lado nós nos cumprimentamos e o Perdigão mandando vir um sexto *chopp*, começou com a sua loquacidade torrencial a dissertar sobre o *chopp*:

— Dei para beber *chopp* a valer! Engorda, abre o intellecto e dá actividade; os allemães prosperam e têm talento (fez uma pausa para beber) porque se entregam muito á cerveja. O Brasil é um paiz atrazado porque só bebe cachaça. Um paiz cachaceiro é um paiz perdido: a cerveja sim, eleva a alma!

E si interrompi-o para dizer que extranhava o encontral-o ali a flanar naquella hora em que na Bolsa devia haver grande movimento...

— Deixei aquella droga.

— Porque ? — fiz quasi espantado.

— Maromba-se á tôa. Agora sim, é que tenho um negocio mais certo: eu e alguns amigos, gente fina de dinheiro, estamos organisando uma companhia para requerer ao governo privilegio para uma estrada de ferro daqui a Santos. Uma estrada que vá beirando o Atlantico: chamar-se-á Via Ferrea Beira Mar! Bonito, hein ? E vae me enriquecer. Isto sim é que é negocio. Enriquece em dous tempos. Olha aqui os papeis.

E mostrou-me requerimentos, traçados, contas de politicos, o diabo!

— Via Ferrea Beira Mar! Bonito, hein ? E enriquece em dous tempos. Mais um *chopp, garçon*!

Alguns dias depois, bebia eu uma cerveja no Castellões quando appareceu o Eduardo Perdigão.

— Muito bem apparecido — disse-lhe eu — vamos abrir o intellecto com cerveja.

O homem fez um gesto de repugnancia:

— Isto é horrivel! A cerveja embrutece e dá preguiça. Acceito uma limonada.

— Mas o senhor ha dias era apologista da cerveja!

— Errei, confesso! Mas a experiencia ensinou-me que a cerveja atraza a vida.

Abri o olho, espantado. E não voltava a mim do espanto e já Perdigão falava em negocios:

— Por falar em vida, não quer segurar a sua ?

— Homem, eu sou solteiro.

— Que tem isso? Eu tenho segurado muita gente solteira. Não sabe ainda? Agora sou agente de seguros... Isto é que é negocio! Para um homem da minha actividade não ha nada melhor. Descobri a minha vocação. Ficarei rico!

Não fiz o seguro porque Perdigão não insistiu. Falou muito sobre as vantagens e delicias de ser agente de companhia de seguros, mas não falou em vantagens de se segurar a vida.

Alguns dias depois encontro Perdigão afobado, com uma pressa enorme! Altos negocios! Riqueza em dous tempos! Tinha deixado de ser agente de seguros, uma droga!

— Que faz agora ?

— Vou fazer uma revista illustrada! Melhor do que todas! Quasi igual á *Careta!* Isto sim é que é fortuna certa! Sahe o 1º numero! Descobri a vocação...

Não chegou a sahir o 1º numero da revista. Depois disto encontrei Perdigão enthusiasmadissimo com a inauguração de um cinematographo, depois com a fundação de uma agencia matrimonial, caramba, porque aquillo tudo era riqueza em dous tempos! E sempre fazendo apologia de alguma cousa para condemnal-a tres dias depois...

Agora pelo que vejo é vegetariano. Não o via ha quasi um anno! Que negocio fará agora o Perdigão? Terá ficado rico? Vejo-o tão triste e amarello!

Pensava eu assim e ia me levantar da mesa, depois de ter jantado, quando o Perdigão me enxergou. Enxergou e fez um cumprimento frio. Approximei-me:

— Ha que tempos não o vejo, Perdigão! Muito occupado com os negocios ?

Elle respondeu murcho:

— Terminei todos! Aquietei a vida.

— Então já é capitalista ?

Perdigão respondeu com um pigarro suspeito:

— Ha um anno que sou amanuense de secretaria.

MANOEL JOÃO

BALLADA

Desculpareis esta ousadia
De vir assim, sem credenciaes,
Bater á nobre portaria
Dos vossos passos senhoriaes.
Porém, si a mal vós a julgaes,
Venha o castigo sem tardança...
Dobrar o orgulho que ostentaes
Sem soffrimento não se alcança!

Creio, senhora, que algum dia
A este castello que habitaes
Ha de chegar a symphonia
Dos meus fidalgos madrigaes.
Então, talvez, vos convençaes,
(No peito abrigo a confiança)
Que supplantar tantos rivaes
Sem soffrimento não se alcança!

Por vos servir com galhardia,
Justiça e brio sem eguaes,
Eis-me hoje aqui, tendo por guia
Dos vossos olhos os phanaes.
Porém, si, altiva, desdenhaes
Do alto valor de minha lança...
Q'importa! O céo dos ideaes
Sem soffrimento não se alcança!

OFFERTA

Amor, que cresce mais e mais,
Soffre e não percas a esperança,
Pois Dona assim, de graças taes,
Sem soffrimento não se alcança...

JORGE JOBIM

UMA REUNIÃO DE NOTAVEIS

Senhores é preciso acabar com o jogo dos bichos, com a roleta e com toda especie de espeluncas que empestam a nossa Capital.

O Districto Federal está completamente contaminado de toda a casta de bandidos da peior especie que perambulam diariamente, commettendo os maiores desatinos indignos de uma capital civilisada.

E' necessario que o Exmo. Dr. Chefe de Policia tome energicas providencias neste sentido, pois que, o povo e o commercio desta metropole acha-se sem garantias de especie alguma.

FOLHINHA DA «CARETA»

MEZ DE ABRIL

DIA 9 — *Sabbado* — S. Demetrio *Ribeiro*, santo escapo do calendario positivista. S. Hilario de *Gouvea*, padroeiro contra as cataractas. S. Marcello *Silva*, deputado ignoto. S. *Acacio*, conselheiro que anda ahi disfarçado em senador *Chantecler*.

Calendario Positivista — 1 de Bernardo Monteiro de 122. *Eudoxio* e *Arauto*, sugeitos que ninguem conhece. Dá o burro pelo antigo.

DIA 10 — *Domingo* S. Macario, ex-senador. S. Pompeu, parente do Sr. Accioly.

Calendario positivista — 2 de Bernardo Monteiro de 122. *Neasco*, cidadão cuja memoria se perdeu. *Pythias*, idem, idem.

DIA 11 — *Segunda-feira* — Santos pouco conhecidos.

Calendario positivista — 3 de Bernardo Monteiro de 122. *Aristarcho*, personagem de Raul Pompéa. *Besose* (???!!!)

DIA 12 — *Terça-feira* — S. Angelo *Pinheiro Machado*, irmão do Sr. seu irmão.

Calendario positivista — 1 de Chico Salles de 122. *Eratosthenes*, sugeito muito conhecido. *Sosigenes*, idem, idem.

DIA 13 — *Quarta-feira* — S. Hermenegildo de *Moraes*, padroeiro da fartura, emulo do Sr. Tosta. S. Manso, cidadão paciente.

Calendario positivista — 2 de Chico Munheca de 122. Ptolomeu, geographo, rei, ou outra qualquer cousa de semelhante.

DIA 14 — *Quinta-feira* — S. Tiburcio d'*Annunciação*, nosso presado collaborador.

Calendario positivista — 3 de Chico Pataca de 122. *Abbategnio*, cidadão que todo o mundo aprecia. *Nassir Eddin*, idem, idem.

DIA 15 — *Sexta-feira*. S. Victorino *Monteiro*, padroeiro das Docas.

Calendario positivista — 4 de Chico Cebolla de 122. *Hypparco*, sabio da Grecia ou de outro qualquer logar, de que falam os compendios.

Dona Alice, meditativa, a uma amiguinha:

— Commetti, na vida, dois graves erros. Aos 19 annos, idade em que se ama com ardor, casei-me sem amor com um velho millionario, e aos 35, idade em que se ama com loucura, casei por compaixão com um rapaz pobre.

— E d'ahi?

— Por causa dos meus namoros com os visinhos o meu marido me impoz os terriveis martyrios que eu imponho ao segundo por causa dos seus namoros com as visinhas.

— Hollanda, onde estás morando agora?

— Na Pensão Schray, ha dous annos.

— Quanto pagas mensalmente?

— Homem, ainda não sei.

A CRUZADA

O estado maior do Conselheiro.

DERBY-CLUB

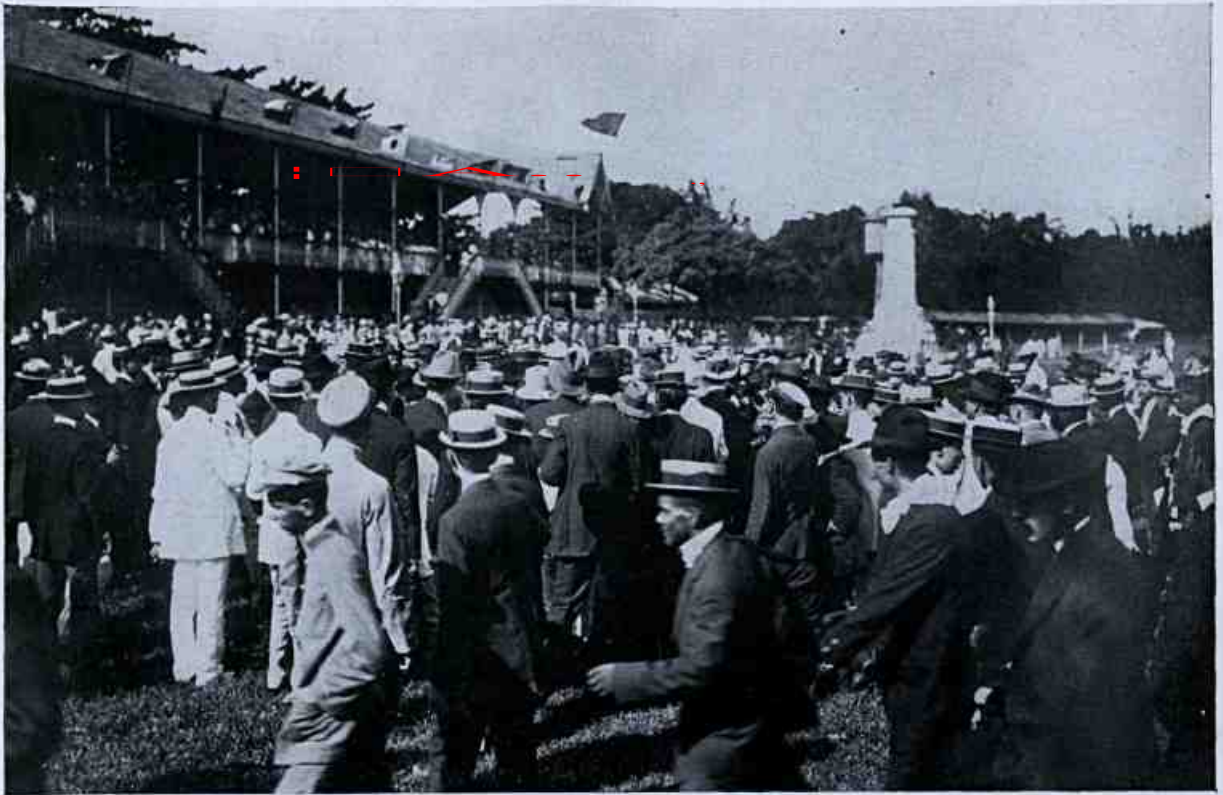
Honor, vencedor com empate, do pareo Excelsior.

Peccinina, vencedora com empate, do pareo Excelsior.

Sahida do pareo Excelsior.

Audaz, vencedor do pareo Cosmos.

A politica impressiona mas não absorve os artistas. Mesmo Ruy Barbosa, o grande artista da palavra escripta, apezar de ver o seu nome transformado em bandeira de batalha, conservou, dirigindo a grande campanha, a sua soberana individualidade litteraria. As suas conferencias politicas contra o militarismo são preciosas obras de arte immortal; n'ellas, dir-se-á, o ardor politico inflamma a penna do escriptor, confundindo o litterato e o estadista. Mas, para demonstrar como esse intellectual sabe, em meio das luctas mais accesas do partidarismo, manter a sua personalidade de artista puro, ahi está essa gloriosa oração puramente litteraria pronunciada, perante a Academia Brasileira, por occasião da recepção de Anatole France.

Assim, tambem outros intelluctaes, tendo batalhado a grande campanha do civilismo, não se deixaram absorver pela politica. Entre esses destacaremos o fulgurante estylista Alcides Maia, o grande prosador pampeano, que entregou, ha dias, aos prélos da Livraria Garnier, os seus brilhantes contos gaúchos subordinados ao titulo de *Tapéra*.

Movimento do povo protestando contra o empate do "pareô Excelsior."

A ballada da bengála

Segundo a Fórma pura, immaculada,
Da bôa regra de uma educação,
Trága o Poeta na déstra alevantada,
Um pau como respósta de aggressão.
— Para os *pótrancas* muito embóra em vão
O ardôr do junco não produza effeito,
O ensinamento deve ser perfeito
Em pról do brio, corrigindo o mal;
Que cáia pois, leitor, de qualquer geito,
— A bengála nas cóstas do animal.

Nem sempre a espóra por melhor fincada,
Convence o bicho em meio á escuridão...
Fica a virilha toda ensanguentada
E permanece o horror da situação.
Fácil que seja ou mesmo inda que não,
Haja o criterio, faça-se o respeito,
E sem tremer o pulso, erguendo o peito,
Fale a Justiça de maneira real,
Vibrando sempre assim firme e direito
A bengála nas costas do animal.

Por mais escusa que se mostre a estrada,
Ou dia ou noute pela solidão,
Deveis trazer na idéa esta ballada
Para a firmeza da resolução.
— Nada de termos de satisfação,
Ou fuga frouxa de um banal despeito
Que apresente o "quadrupede-sugeito";
— Nada! — que seja tudo material,
Resulte a cóva, embóra, ou trága o leito...
— A bengála nas cóstas do animal.

OFFERENDA

Leitor, aqui vos deixo, aqui receito,
Sem peias, sem paixões, bem satisfeito,
"Applicado" remedio sem rival:
Para a Infamia, a Calumnia, o Desrespeito,
— A bengála nas cóstas do animal.

UM CADETE DE GASCONHA

Em um exame pericial tratava-se de saber o effeito que produziria uma pedra lançada contra o kepi de um policial. Um dos peritos observou:

— Assim não adiantamos nada, pois que o kepi vasio não offerecerá ao projectil a resistencia que offereceria se a cabeça do guarda estivesse dentro.

E o pretor, muito seriamente:

— Ponha em baixo do kepi uma acha de lenha. O effeito sempre será o mesmo.

O dr. Arrojado Lisbôa foi encarregado de proceder a exploração dos veios de ouro dos dentes do sr. Tobias Monteiro.

CARTAS DE UM MATUTO

Minha comade Thereza,
Arrecebi o jacá,
Co'os cobú, os requeijão
E as brôa de fubá
Só chegou rúim o chouriço
Que não pude porveitá,
O mais veiu em bão estado.
Deus é que lhe ha de pagá.

Entonce as brôa, comade,
E' que senti sê tão pouca;
Tão c'os tempêro na regra
E desmanchando na bocca.
Biella, quando viu ellas,
Pediu inté ficá rouca,
Pro fim lhe dei uma duzia
Que ella comeu como louca.

Os requeijão escondi
Pra não fazê ella figa,
Que os doutô manda diéta;
Não só manda mas obriga.
Biella, é vê de comê,
Pede, chora, roga, briga,
E diz que não sabe o quê
Tem a perna co'a barriga.

Coitada! ella tá na cama,
Quasi sem podê movê,
E quando aperta suas dô
Dá gritos de ensurdecê;
Mando chamá o doutô,
Elle toma o purso, vê,
E diz: "Espere, paciencia!
E' o que eu posso fazê".

Quando se leva uma quéda
Ou quebra a perna, na róça,
Já sabe: evém um purgante,
Que a gente sára e remóça.
Mas aqui a medicina
E' differente da nossa,
E' uns remedinho atôa
Que parece mêmo tróça.

Toda vez que o doutô chega
Peço a elle que receite
Umas pirolas Lé Róe
Ou um purgante de azeite,
Mas não ha idéa minha
Que elle logo não regeite;
Diz que só tem um remedio:
Paciencia e chicras de leite.

Biella soube que tem
Um benzedô sycofante
E quiz que eu fosse buscá
O home no mêmo instante.
Quá! Benzedô é da róça,
Esses daqui são farçante
E demais, perna quebrada
Não se cura com purgante.

Biella, o que ella mais sente
Não é a perna quebrada,
Mas tê de ficá na cama
Sem movê, toda embirada.
Ella que tava contando
Já na semana passada
Podê levantá de pé
Para a vida acostumada.

Na semana retrazada
A semana da paixão,
Andei visitando igreja
E escutando sermão.
Assisti o lavapés,
Assisti as porcissão,
Qual o quê! Semana Santa
E' a nossa, é no sertão.

Aqui, comade Thereza,
As festa é muito menó,
E ha tão pouca devoção
Que não faz pena nem dó
Não tem porcissão de encontro,
Não tem Maria Beó,
Não tem judêo nem zagaia
A nossa é muito mió.

Avise a Padre Romão
Que tou percurando um meio
De mandá os jornal delle;
Que ahora tou com receio.
O doutô Ignacio Tosta,
O deretô dos corrêio
Improhibiu as agencia
Que arreceba os jorná feio.

As fôio prejudicada,
O *Sandeçaí* e o *Pimpão*
Reclamaro da justiça,
Mas eu não lhes dou rezão.
Acho que fôias alegre,
Só no canto do fogão,
Mas no seio das famia,
Ah siá Thereza, isso não!

Concordo que um home sério,
Quando fique aborrecido,
Peque nesses jornalzinho
E leia, mas escondido.
Lá isso, uma vez por outra,
Não sendo dias seguido,
Proque siá comade, em tudo
Se deve sê comedido.

Vai começá o Congresso;
Avise a Pade Romão
Qu'elle embarque quanto antes
Pra não perdê a sessão.
Agora vai se apurá
Quem venceu nas inleição
Se foi Hermes, se foi Ruy;
Vai sê uma confusão.

Ansim Biella mióre,
Passo nos cobe uma tropa
E vou com ella ou sozinho
Passá uns dois mez na Orópa.
Diz que lá tudo é barato,
Que em vez de gastá se pópa,
Com pouca coisa se passa
E muito menos se enrópa.

Tudo depende, comade,
De Biella sê feliz,
Ficá curada de todo
E bem firme dos quadris.
Ahi entonce resolvo
Se vou na França ou em Paris
Que é logá pr'adeverti
Segundo pro cá se diz.

Pra podê fazê a viage
Tou aprendendo francez,
Que é lingua bem defferente
Da nossa e dos portuguez.
Eu já tou adientado
Com as lição de dois mez,
Mas pra falá que se entenda,
Só em dois annos ou tres.

Carcula ocê uma lingua
Em que agua chama *ó*,
O arroz se chama *ri*,
E novia chama *vou*!
Tudo mais é atrapaiado;
Não sei praquê se inventou
Uma lingua que só serve
Pras madama e p'ros actô.

Quando o mestre chega em casa,
Digo: *Bonjur mossié*,
Mas pra segui para diente
Percuro os termo, que dê?...
Entonce, pra praticá,
Digo á tôa: *Professê*
Entrê, sentê, esperê,
Que chegue jé o café...

O home ri, acha graça
E diz: "Converse sem dó
Diga o que vi na cabeça,
Fechando os *e* e os *o*.
Conheço muito rapaz
Que aprende um pouco de có,
E fala sem embaraço.
O senhô fala mió".

Comade, escreva uma carta,
Mande ómenos um cartão
Dando noticia das festa
Que houve ahi na paixão.
Não se esqueça do seu véio
Amigo do coração.
Muitas lembrança a todos.
TIBURCIO D'ANNUNCIAÇÃO.

Desconfianças de Bebê

Bebê. — O' Vovô, o Washington o que era ?
Vovô. — Era um estadista de grande mérito.
Bebê. — Eu pensava que era professor.

HYPNOTISMO

— Durma! Fique olhando a ponta do meu dedo. O que vê?

— Uma aranha no nariz.

CAÇADAS...

Alvaro e Motta, dois bons amigos. Ambos moços, ambos solteiros e ambos poetas.

Simplesmente n'um ponto discordavam os dois amigos, era o seguinte: Alvaro era muito mentiroso e o Motta, ao contrario, detestava a mentira.

Estava o Motta junto com o Alvaro em uma roda de amigos e o assumpto da conversa eram as caçadas. Depois de cada qual descrever um feito perigoso chegou a vez do Alvaro tomar a palavra.

Elle tossiu, verificou se todos estavam attentos e começou:

"Eram duas horas da tarde.

O sol dourava com seus raios luminosos os valles e as colinas, os passaros crusavam-se no espaço trinando os seus gorgeios sonoros em busca dos ninhos.

Sahi de casa levando a tiracollo a minha fiel pica-pau e munido de boa porção de chumbo miudo.

Subi vagarosamente o morro do Pinto, embrenhei-me n'um bosque solitario, sentei-me n'uma pedra qualquer e comecei a fumar um delicioso cigarro.

D'ahi a momentos senti um rumor na folhagem, era um enorme jacaré, as suas escamas brilhavam aos raios do sol e a sua bocca parecia um enorme vulcão capaz de engulir um segundo Silva Jardim.

Acabei de fumar o meu cigarro, apontei a fiel pica-pau e... era uma vez um jacaré."

— No morro do Pinto? Interrogou o Motta.

— Sim senhor, respondeu o Alvaro, e não foi só isto.

Estava eu orgulhoso de matar specimen tão raro ouço novamente rumor na folhagem.

D'esta vez surgiu uma colossal panthera.

Nunca, em paiz algum eu vi...."

— Tu já viajaste? interrogou o Motta assombrado.

— Já, em sonhos, respondeu o Alvaro e proseguiu:

"Nunca, em paiz algum eu vi tão bonito exemplar.

O seu pello era uma pellucia finissima, os seus olhos eram duas turquezas monstro cujo brilho egualava o brilho dos astros, os seus dentes eram verdadeiros berloques de marfim encastoados em coral de um rosado nunca visto e a esculptura de seu corpo era impossivel de descrever.

Fascinado embora, por tal belleza bruta levei a pica-pau a cara e...

— Por amor de tua mãe, Alvaro, não mates tão bonita panthera! interrompeu o Motta com angustia.

O Alvaro olhou para elle e disse com cynismo:

— Pois bem, não matei, o tiro partiu... e ella ficou.

Com o susto deixei cahir a fiel pica-pau e a panthera vendo isso disse-me com um sorriso de escarneo:

— Eu não me bato com um homem desarmado. E desappareceu no bosque.

ORAVLA AZUOS

— O Ernestino é um rapaz de muita graça. Quando elle fala eu choro...

— ?

— De tanto rir.

Lar paterno

I

A meu irmão Solano Braga

Nesta em que vivo — triste soledade,
Os olhos razos de agua, o peito em ancia,
Recordo-me com magua e com saudade,
Da quadra tão feliz da minha infancia.

E entre o viver de agora e essa aurea edade,
Que triste, que cruel, que erma distancia !
E a manhã que passou voltar não ha-de
Rescendente de tepida fragancia !...

Serras virentes, que não mais transponho,
Na retina fiel ainda eu vos tenho,
E revejo, atravez de um brando sonho,

A casa onde nasci, as mansas rezes,
A várzea, o laranjal, a horta, o engenho
E a cruz onde rezei por tantas vezes...

II

Volto de novo ao lar paterno e vejo
Amados sitios que eu transpuz outrora
E por onde, a cantar, estrada em fóra,
Ia isento de magua e de desejo.

Mudos e tristes, como estão agora !
Nem uma flor siquer, nem um adejo !
Como um claustro deserto, o logarejo
Parece a estancia onde a Tristeza móra.

Não passa mais ninguem pelos caminhos,
Nas quiétas moitas não baloiçam ninhos,
Nem aves cantam pelos campos mais...

....

— Dorido coração, não soffras tanto :
Abre os diques tristissimos do pranto
E inunda o mar immenso com teus ais...

III

A Dario Cezario

Revendo a casa onde nasci, achei-a
Hoje muito maior do que antes era
Nos meus dias de sol de primavéra
Que o Desengano agora me ensombreia.

Pintaram-n'a de novo e está mais feia
Com seu ar solitario de tapéra...
E, ao vel-a, me entristeço... Ah ! quem me déra
Vel-a velhinha, mas de risos cheia !...

Vel-a velhinha, como outr'ora, quando
Pertencia a meus paes e em seu telhado
Andavam pombas brancas arrulhando...

Volveu-se o Tempo... Tudo está mudado...
Meus paes morreram, foi-se o alacre bando
De pombas e com elle o meu passado...

IV

O VELHO ANGICO

Eu tinha o peito de illusões provido
Na roxea tarde em que nos apartamos,
E estavas, velho angico, enflorescido
E os passaros cantavam nos teus ramos.

Longo tempo correu, nos encontramos
De novo agora... Como estás despido
Das verdes folhas e dos gaturamos,
E eu, dos meus sonhos, como estou descrido !...

Companheiros na dor e na alegria,
Em nossas duas vidas que mudanças
Do romper d'alva ao descambar do dia !...

Folhas e sonhos — não nos voltam mais !
A mim roubou-me o Tempo as esperanças
E a ti a verde copa — os vendavaes

V

O AÇUDE

— Açude, claro espelho do ceu lindo
E desta escura e rescendente matta,
Em tuas aguas limpidas, de prata,
Quero ver o meu rosto reflectindo.

Porque sempre minh'alma te foi grata,
Ella vem hoje te buscar, sorrindo.
Dize-me agora assim :—"Pois sê bemvindo !„
E, como antigamente, me retrata...

Põe-me o riso nos labios e do seio
Tira-me as grandes, pungitivas maguas
A transbordarem delle de tão cheio...

Mas, não podendo ser, paciencia, Açude !
E deixa-me suppor que em tuas aguas
Ha retratos da minha juventude...

VI

O RIBEIRÃO

Por longos annos, pelejei distante
Deste da infancia — sorridente abrigo
E nunca me esqueci por breve instante
De ti, meu claro Ribeirão antigo.

Si agora inda me achares no semblante
Signaes de velho companheiro e amigo,
Põe um dique na lympha sussurrante
E vem, de novo, conversar commigo.

Desejo em tuas aguas ver meu rosto
Como outrora, a sorrir, quando o desgosto
Não me ensombrava a rosea primavera.

Mas, em vez de sorrir, se em ti debruço
O rosto agora, Ribeirão, soluço
Porque já não sou mais quem dantes era...

Minas Geraes

BELMIRO BRAGA

GAVETA DE CARTAS

João (Rio). Seu conto não serve, por causa da circular concebida pelo beatissimo Tosta, por obra e graça do Divino Espirito Santo. Si não fosse isso...

Gualter Martiniano (Bahia). Sentimos muito o que se deu com o nosso digno correspondente, mas bem deve comprehender que todos os dias recebendo aqui centenas de versos, todos elles com destino á publicidade, tempo não nos sobra para averiguar se são apocryphas as communicações que temos.

Devem ser mesmo "espiritos degenerados e mesquinhos, intrigantes e fraudulentos" esses que buscaram divertir-se á sua custa, enviando-nos asneiras com a sua honrada assignatura, Mas console-se Sr. Martiniano que este mundo anda cheio de gente malvada!

Eugenio Bethencourt (Rio). Ahi vae a sua poesia "Gostos":

Da gallinha só gosto da moella
E como ella
No mercado se vende e bem barata
Em casa mata
A cosinheira uma por dia...

Meu irmão não supporta tal comida
E passa a vida
A dizer que gallinha (que batata!!)
Come barata!
E nunca pude essa mania!...

Minha irmã come tudo quanto encontra
E sempre prompta
Ella está a dizer que da gallinha,
Que vida a minha,
A moella não presta
O que presta é a coxinha!...

E vivemos assim numa agonia
Em berraria
Gritando um que gosta e outro não gosta
Oh que desgosto
Parece o morro da Favella!

Muito interessantes, seu Bethencourt, os seus versos, muito interessantes mesmo.

Eugenio Graça (Rio). Seu soneto *Predestinação* foi para a cesta. Para ter esse destino bastava aquelle verso:

"Loira qual uma estriga de palmito..."

Onde foi que o senhor viu palmito com estriga loira, seu graça?

Zerbino Bouquet (Fortaleza). Seu soneto é muito lacrymejante para uma revista humoristica.

Lodapho (Santos). Politica só nós fazemos. Collaboração deve vir extreme de tal vicio.

Ely (Minas). Muito grande o seu trabalho que excede o espaço de que podemos dispor.

Evaristo Severo (Pará). Seu conto é uma série de asneiras a que não podemos resistir.

Salustiano Rocha (Bello Horizonte). Lindissimos seus versos:

Vae-te pombinha p'ra o matto
Onde o tiro não te pegue
Que a minha alma te segue
Como camondongo ao gato.

E lá na serra estrellada
Em que poisares recorda
Aquelles pratos de açorda
Que eu te dava á madrugada...

e etc., etc. Muito lindos, muito. Continúe, seu Rocha, continúe que está em muito bom caminho.

Hasdrubal Amorim (Corumbá). Foram para a cesta todos os seus trabalhos. Que pena, seu Amorim! Depois de uma tão longa viagem! Mas para que escreve o Sr. seu Amorim?

Sebastião Ramos (Rio). Franqueza, franqueza, como nos pede, é melhor que o senhor continúe a vender sapatos. A literatura é uma carreira ingrata.

Euvaldo Molina (Santos). E' preferivel não publicar.

Anthero Ferreira dos Santos (Rio). Si o Sr. fosse o autor do soneto que nos mandou o seu nome seria Anthero... Quental.

O coronel Zoroastro Pires, que se celebrisou ha tempos pelo desastre de que foi victima, isto é, a perda de uma nota de 100$000 (facto este de que tratamos amplamente) o coronel Zoroastro Pires está outra vez sendo falado.

Falado, não porque tenha perdido outra nota, mas porque construindo a estrada de ferro para Diamantina deu para brigar com seus patricios que estão justamente apressados pela terminação da estrada.

Mas tambem, que diabo, seu Zoroastro, ande com a estrada!

A sogra: — Eu, quando moça, fui muito bonita; era então o que minha filha é hoje.

O genro: — Que máo gosto tinha o meu sogro.

A CAMPANHA

O Piquete do Marechal.

TELEGRAMMAS

(Serviço especial da "Careta")

Buenos Aires, 7 — Foram chamados ás armas cincoenta mil conscriptos para, constituindo um corpo de exercito, fazer continencia ao Presidente do Chile, por occasião da sua visita a esta capital. Depois das festas aos chilenos esse corpo de exercito, incorporando-se ás forças peruanas, irá occupar as provincias de Tacna e Arica. Esses valentes conscriptos, imitando o exemplo dos seus antepassados, provavelmente não chegarão ao campo de batalha, pois desertarão com o tradicional heroismo argentino quando verificarem que a guerra não é de brincadeira.

NO TELEPHONE

O grande poeta correu ao telephone:

— Quem falla?

— Um discipulo.

— Como se chama?

— E' um nome obscuro. Não vale a pena dizel-o.

— Que deseja?

— Desejo saber quantas syllabas tem um alexandrino.

— Doze.

— Não é possivel.

— Não é possivel! Porque?

— Porque os seus têm treze.

O grande poeta desmaiou.

TELEGRAPHO SEM FIO

(Serviço de ultima hora)

Xys-y — Petropolis — V. Ex., em seu amavel bilhete sem data, pergunta qual é a virtude feminina que os poetas mais apreciam. Em amor, como em tudo o mais, os poetas são vulgarmente iguaes aos outros homens. Assim sendo, acreditamos responder cabalmente á pergunta de V. Ex. declarando que a virtude feminina que os homens mais apreciam é a belleza.

Recebemos o *Bromil*, não o maravilhoso remedio contra a tosse, mas o *Bromil* supplemento do *Bromil* revista, linda publicação em que se faz reclame com arte.

Venha-nos sempre o *Bromil* revista mas poupe-nos a nossa inquebrantavel saúde o prazer de provarmos o *Bromil* xarope. Conhecemos a efficacia do xarope, mas uma tosse, mesmo quando o *Bromil* pode cural-a em 24 horas, é uma verdadeira praga do Egypto na garganta ou nos pulmões de um homem.

O SUICIDA

A luz radiosa da manhã descia das alturas resplandecentes do ceu acarinhando a divina extensão do Botafogo. As aguas, marulhando meigas, quebravam-se beijando sem furor a muralha petrea do caes; pareciam cheias de aureolas, tanto brilhavam.

Ao longo do caes, batendo com as botas fortes no asphalto liso e rebrilhante, a cabeça merencoreamente abatida, os olhos semi-cerrados, correcto em seu uniforme de apurada elegancia, o guarda civil 4002, passeava mantendo a ordem publica e pensan-sando na sua desordem particular. Sim, a sua desordem particular, porque, apezar da sua correcta elegancia official, o guarda civil 4002 tem uma vida desordenada.

Com os seus minguados vencimentos (pingues, como diria o marechal Pires Ferreira) o 4002, na sua humildade de guarda-civil deve ser tão elegante como o mais petronisado Figueiredo Pimentel, e, para fazer concurrencia ás despezas de sua elegancia, o 4002 tem uma necessidade verdadeiramente animal de comer, e precisa pagar, com elegante pontualidade, o aluguel da casa em que emmagrecem a sua mulher e os seus filhos.

O 4002 lera, nos jornaes dessa manhã, o annuncio de uma grande manifestação ao patrono da Junta do Largo da Carioca e logo imaginou a cruel fadiga de uma caminhada da Prainha ás Laranjeiras, com uma tocha na mão, pois quado se realisam festas populares ao egregio patrono da egregia junta, compete ao 4002 e aos seus companheiros a honrosa missão de representar o povo ausente.

Assim pensava o 4002 quando escutou, para as bandas do Pavilhão de Regatas, o estouro secco de um tiro. Voou para lá. Esbarrou, no portão principal, com dois estudantes que sahiam apressados, com as faces cheias de malicia.

— Os senhores não ouviram um tiro?

— Ouvimos. Foi alli; e apontaram para a escadinha que desce para o mar.

— Mas alli não tem ninguem.

— O homem caiu n'agua.

— Mas o que foi?

— Parece que foi um suicidio. O homem chegou á escada, metteu uma bala no ouvido e caio n'agua.

Os estudantes abalaram. Intrepidamente o 4002, que antes de ser um elegante guarda civil foi um airoso banhista, atirou-se ao mar; deu algumas braçadas, sondou com o olhar experimentado a profundeza das ondas e mergulhou num ponto em que ferviam umas bolhasinhas de espuma. Bracejou, por momentos, sob as aguas e veio á tona arrastando com firmeza o suicida.

Com disciplinada rapidez nadou para o pavilhão, e sahindo do mar, alongou no solo o cadaver do suicida. Examinou-o, procurando desde logo estabelecer a identidade: era um corpo de panno com uma cara de máscara de arame, um Judas, emfim.

O 4002, com essa clarividencia peculiar aos grandes policiaes, advinhou o mysterio d'aquelle suicidio. Correu á venda mais proxima e pelo telephone communicou ao chefe de policia:

— Acaba de suicidar-se o governador de Minas Geraes.

O busto de Washington

O marechal Hermes no palco do Theatro Municipal, entre os seus amigos.

Arnaldo, pallido, collando-se á parede e mostrando o hotel fronteiro:

— Não passo por aqui sem sentir um grande abalo. Essa casa é um cemiterio.

Benicio espantado:

— Um cemiterio! Explica-te.

— Ahi repousam dois cadaveres!

— Cadaveres ahi?

— Sim, o hoteleiro e o alfaiate.

ORACULO

Domingo — Perante a companhia de representações politicas, no Theatro Municipal, o Dr. J. J. Seabra demonstrará praticamente a sua famosa these: "A verdadeira eloquencia dispensa a grammatica e exige solidos pulmões e rijas guellas".

Segunda-feira — Realisar-se-á mais uma aula preparatoria na Escola Pyrotechnica do Paço do Conde de Arcos. O habil mystificador Zé Gomes ensinará a engulir espadas.

Terça-feira — Os numerosos quatro leitores do grande litterato Felicio Terra offerecerão uma penna de sabiá e uma garrafa de doce tinta xarope ao grande medico Dr. Nuno de Andrade.

Quarta-feira — A actriz Nina Sanzi organisará em Paris uma companhia lyrica para representar, em Bello Horizonte, o idylio dramatico "Jocelyn".

Quinta-feira — O director da Bibliotheca de Paris pedirá a extradição do celebre Tartufo que fugio do theatro de Molière para a imprensa do Brasil.

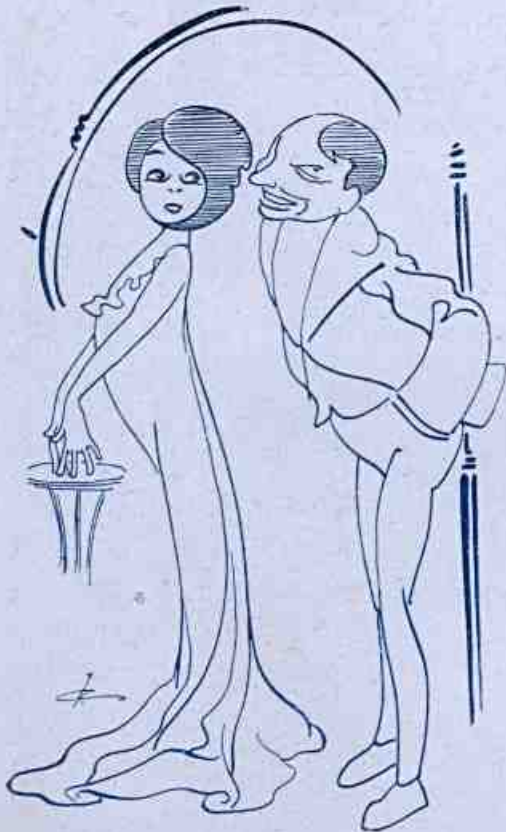
Sexta-feira — O elegante jornalista Luiz Pastorino resolverá tirar um premio no concurso de belleza infantil da *Careta*.

Sabbado — A directoria do observatorio astronomico dirigirá uma circular á imprensa declarando que devem ser tidas como lamentaveis erros de revisão as novas tolices que forem apparecendo no Annuario do Observatorio.

MME. DE THEBES

— Queres um bom pistolão para o Glycerio? Tens o Aarão. São amigos de infancia.

— Impossivel. O Glycerio nunca foi presidente da Republica.

A hierophante

— Está vendo esta mesa?

— Sim.

— Pois si você puzer cincoenta mil reis em cima d'ella. . .

— ?

— Nós iremos, de automovel, jantar no Leme E viva o Mucio Teixeira, meu mestre!

NOTAS SCIENTIFICAS

THEORIA EVOLUCIONISTA — TRANSFORMISMO

Comquanto acceitemos a theoria de Darwin, exposta com algum criterio na sua *Origem das Especies*, temos algumas objecções a fazer, objecções estas filhas da nossa observação profunda, de largos estudos, de experiencias conscienciosas, de pesquizas meticulosas e de meditações longuissimas.

Começamos por declarar a nossa desconfiança sobre a origem de todos os animaes como provindo de um unico organismo monocellular, e isto baseados na valiosissima opinião do grande Floriano de Brito que assim se manifestou a respeito:

* * *

"Está errado o meu illustre amigo e mestre querido o Exm. Sr. Dr. Darwin quando assevera que todos nós, burros, cavallos, elephantes, zebras, sapos, etc., etc., derivamos de um ser rudimentar unico; está S. Ex. elaborando em erro e eu peço licença para lhe abrir os olhos neste ponto. Como é que um animal microscopico poderia originar animaes tão grandes e complicados? Si não bastasse essa objecção eu apresentaria mais esta: diz o Dr. Darwin que os seres se derivam de um ser unico, mas isto é lá possivel? Já se viu alguem produzir outros seres sem haver antes se prendido nos doces laços do hymineu? De um ser unico.... Mas isto, Excellencia, é negar a evidencia das cousas mais simples. Eu não acredito e nem jamais acreditarei que um ser microscopico viesse a produzir um elephante ainda mesmo que se casasse, quanto mais não se casando. Já se vê que a theoria do meu distincto amigo e mestre querido Dr. Darwin pecca pela base".

* * *

Quasi nada teremos a dizer depois desta citação do torrencial Floriano de Brito.

Este grande sabio que allia á sciencia o seu estylo unico no genero, reduziu a theoria de Darwin ás suas infimas proporções. Achatou.

Porém, Floriano de Brito não atacou a parte que sempre nos pareceu mais errada, da *Origem das Especies*. Diz o amigo de Floriano de Brito (Darwin), que os homens se originam dos macacos que, pelo transformismo através dos seculos, chegaram a se aperfeiçoar e a serem o que somos hoje, isto é, homens. Isto é o que Darwin assevera: os homens são macacos civilisados. Quanto aos macacos, que Floriano de Lemos contesta provirem de um ser unico, não discutiremos a sua origem: provenham ou não da *monera primitiva*, isto é indifferente.

Que os homens provêm dos macacos é theoria que Floriano acceita e nós nos curvamos ante a sua opinião. O que elle contesta é que os animaes provenham do ser monocellular, porque se exprimiu dizendo que Darwin estava errado por dizer que "todos nós, burros, cavallos, zebras, etc., derivamos de um ser unico".

* * *

Damos razão ao grande Floriano: e aqui lhe expressamos a nossa admiração pela sua magistral contestação a Darwin e pela revelação modesta que fez.

O invicto orador popular Nicanor Renascimento declarou ás massas que elle vae montar guarda ao thesouro e aos bons costumes.

Porque será que nos depoimentos de testemunhas os escrivães continúam a escrever quando as arrolam; *aos costumes disse nada*?

Aqui anda marosca!

O busto de Washington. — Em frente ao Theatro Municipal, depois da sessão. O marechal Hermes entre os Srs. José Mariano, Coelho Lisboa, Cunha Vasconcellos e outros correligionarios, representantes das classes militares e populares.

A INDUSTRIA DA MANTEIGA

MAIS UMA FABRICA QUE SURGE!!!

Inaugurou-se no dia 31 de Março nesta capital uma nova e bem montada fabrica de manteiga á rua de S. Bento n. 13, sob a direcção do insigne e intelligente amigo Sr Domingos de Aguiar Mello.

O que vai ser esta nova fabrica de manteiga dil-o-á a segura e fecunda capacidade deste industrial já affeito a esta grande obra da qual tem dado as melhores provas de engrandecimento a industria Nacional.

Esta fabrica está montada com todo o capricho, sendo os seus machinismos completamente modernos e aperfeiçoados; e o seu pessoal idoneo e escolhido.

E' interessado e propagandista da fabrica o não menos activo e intelligente Sr. M. Leite Sampaio.

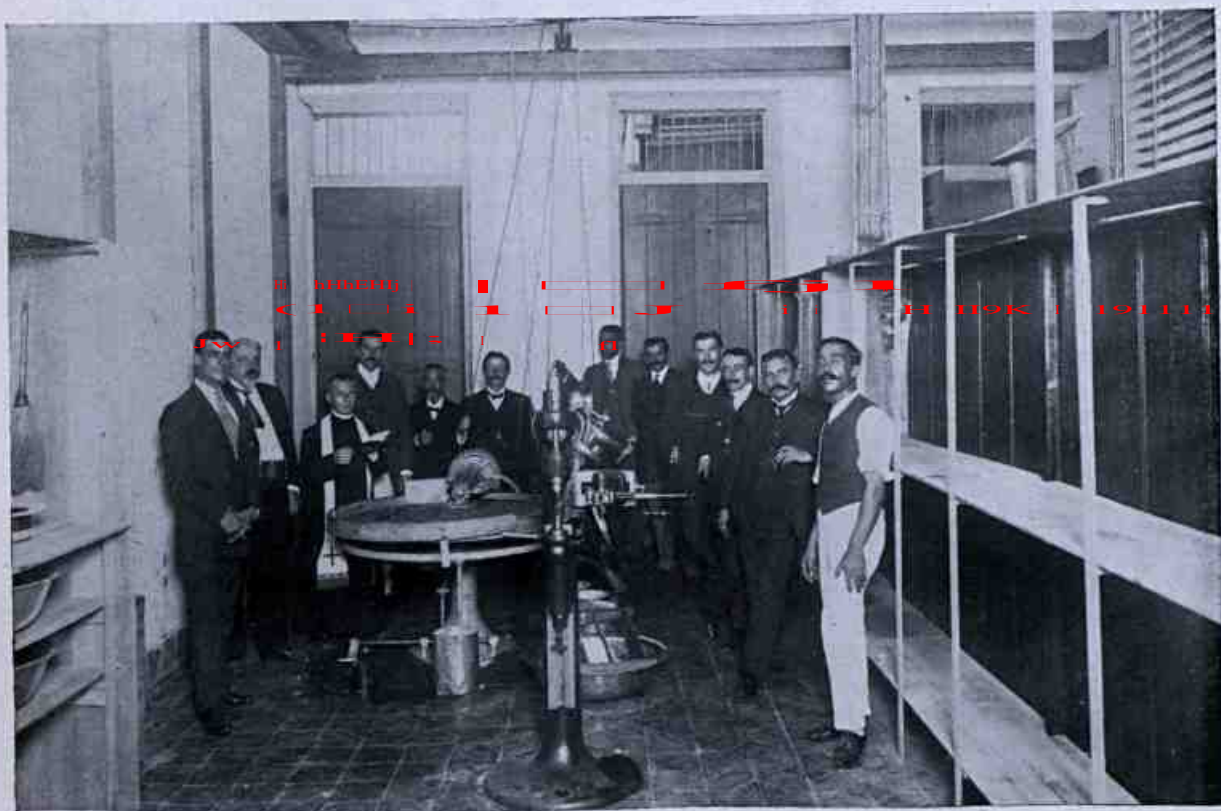
Quem não conhece o Sampaio? moço distincto e de uma amabilidade extraordinaria e captivante que nos fez passar por uns bons minutos de prazer com a sua verve deliciosa e cavalheira.

O seu proprietario offereceu uma lauta meza de doces aos seus intimos amigos, ao champagne houve diversos brindes á prosperidade da fabrica, e á religião representada alli pelo Rev. Dom Meinrado Mattmamm O. S. B. Procurador do Mosteiro de São Bento que benzeu a nova fabrica.

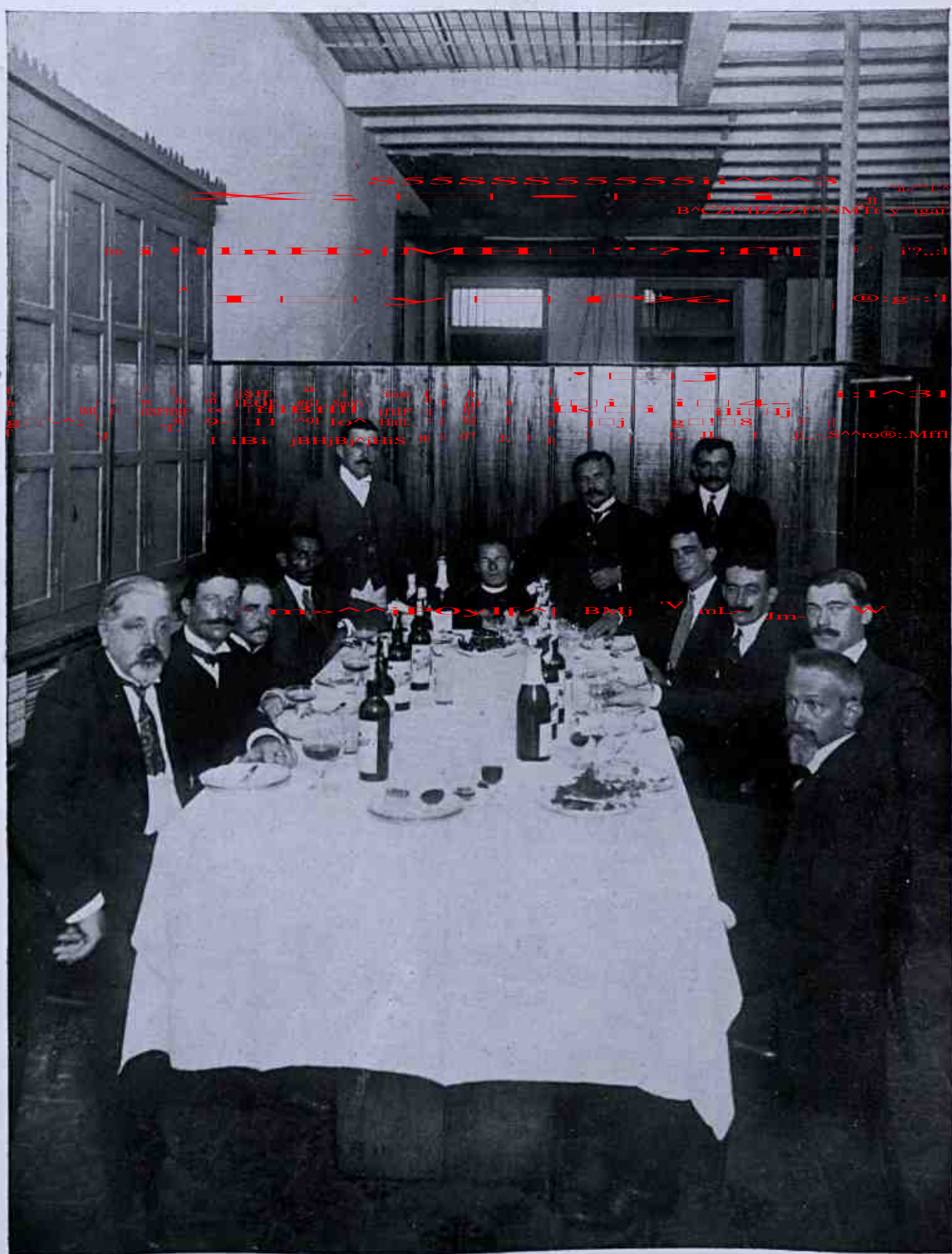
Assistiram a esta intima e delicada inauguração os Srs. Ricardo Meinemann (representante da firma Herms Stolts & C.) M. Leite Sampaio, René Vanden Bossche, Mario Vo Deollinger, Alfredo de Mendonça Telles, Jorge Pestana, Antonio Ferreira Correia Netto, Julio Augusto Ferreira (Commerciante).

Aos Srs. Domingos de Aguiar Mello e M. Leite Sampaio agradecemos a maneira captivante com que receberam o nosso representante.

Inauguração de uma nova Fabrica de Manteiga

13, RUA DE S. BENTO, 13

Interior da Fabrica

Alguns amigos intimos do Snr. Domingos de Aguiar Mello, que assistiram ao acto da Benção da machina e utensilios para a fabricação da manteiga, feito pelo reverendo Dom Meinrado Mattmann O. S. B. Procurador do Mosteiro de S. Bento.

Inauguração de uma nova Fabrica de Manteiga

Mesa em que o Snr. Domingos de Aguiar, offereceu aos seus innumeros amigos — bons e delicados dôces acompanhados de champagne, vinho do porto e a inseparavel cerveja.

Concursos da Careta

CONCURSO DE BELLEZA INFANTIL

Diligenciando corresponder por todos os modos ao generoso auxilio que o publico tem dispensado a esta revista, resolvemos abrir um concurso de belleza infantil que de certo, vae despertar grande interesse ao nosso publico.

As condições são as seguintes:

1ª — Poderão concorrer, enviando suas photographias todas as creanças de 1 a 12 annos, residentes em qualquer ponto do Brazil;

2ª — As photographias terão o formato nunca inferior ao cartão-album, nunca devendo nellas figurar outras pessoas que não as concurrentes;

3ª — Todas as photographias terão no verso o nome dos concurrentes, sua residencia, logar de nascimento, filiação e o nome do photographo;

4ª — As photographias serão enviadas á redacção da *Careta* até 30 de Abril p. f. em envolucro fechado com a indicação: "Concurso de belleza infantil".

5ª — Encerrado o prazo para o recebimento das photographias, serão estas entregues ao julgamento de uma commissão que escolherá 24, que serão publicadas em nossas paginas;

6ª — Sobre essas 24 creanças pediremos então a opinião dos nossos leitores para o julgamento final do concurso, sendo a classificação feita pelo numero de votos obtidos.

7ª — Terminado o julgamento as photographias ficarão á disposição das pessoas que nol'as enviarem.

Distribuiremos 10 premios ás creanças classificadas nos 10 primeiros logares, riquissimos brindes, cuja relação publicaremos brevemente.

Desde já começamos a receber as photographias das concurrentes.

Heroismo

— Assisti ha momentos a um acto de heroismo, como raramente se vê hoje em dia.

— Incendio?

— Não.

— Algum bond, aposto.

— Não apostes nada. Vi um sugeito passar por uma senhora elegantissima, linda como poucas e...

— E? ..

— E não voltar o rosto.

Ingenuidade!

Dous honrados tabaréos estão á porta da Camara com um amigo, vendo entrar os deputados.

Passa o padre Valois de Castro.

— Aquelle tambem é deputado?

— E'. De S. Paulo.

— E' elle quem reza pelos companheiros?

— Homem, creio que não. Elle anda com elles, mas reza é pela salvação do paiz.

Regalia parlamentar

— Sou deputado, querida. A minha pessôa é inviolavel.

— Pois, meu caro, a minha é o contrario.

A ECONOMISADORA PAULISTA

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o *Boletim* da *Economisadora Paulista*, correspondente ao mez de Março, em que aquella sympathica e humanitaria associação, completou o seu segundo anno de existencia e que nos foi enviado pela sua filial do Rio, á rua 7 de Setembro, 113 (mod).

Pelo *Boletim* de Março vê-se que a *Economisadora*, no seu segundo anno, como já tinha acontecido no primeiro, bateu o *record* sobre todas as Caixas de Pensões do Mundo, inscrevendo 42.138 socios, o que nenhuma outra conseguiu.

O seu capital elevava-se no dia 13 de Março a MIL DUZENTOS E VINTE E NOVE CONTOS, empregado em lettras do Thesouro do Estado, em apolices da Divida Publica Federal, em vinte e tres emprestimos hypothecarios a juros de 11 e 12 %, e na explendida villa de cento e vinte e seis casas de aluguel, que está construindo no centro da cidade de S. Paulo.

O balanço, que vem acompanhado do parecer approbatorio do Conselho Fiscal e é assignado pelo Conde de Prates, Director do Banco de S. Paulo, Barão de Duprat, Director da C. Industrial de São Paulo, Drs. Luiz de Queiroz e Victor Godinho, registra que do excesso do fundo disponivel, depois de pagas todas as despezas a assembléa geral fez reverter uma parte em premios aos socios, fazendo a remissão das cadernetas por sorteios e outra parte foi incorporada ao fundo de pensões, augmentando-o ainda.

Da leitura geral das contas e do *Boletim*, que além de uma artistica capa traz 16 paginas de texto, verifica-se a solidez e a prosperidade da *Economisadora Paulista*, que já não é mais uma simples sociedade, mas começa a tomar proporções de uma futura potencia economica, em nosso meio.

A directoria actual é assim constituida: Presidente, senador Luiz Piza, ex-secretario da Agricultura; Thesoureiro, Dr. Gabriel Dias da Silva, Director das Estradas de Ferro de Dourados e Sul Paulista; Secretario, Commendador Leoncio Gurgel, Director da Companhia S. Bernardo Fabril; Gerente, Dr. Claudio de Souza, medico e capitalista; Conselho Fiscal: Conde de Prates, Director do Banco de S. Paulo; Coronel Fernando Prestes, Presidente em exercicio do Estado de S. Paulo; Barão de Duprat, Director da Companhia Industrial; Dr. Rodolpho Miranda, Ministro da Agricultura; Dr. L. M. P. Queiroz, Director da Sociedade A. L. Queiroz & C.; Drs. Alves de Lima, Pedro Pontual e Victor Godinho, capitalistas.

Ao Sr. Arthur Guimarães, Gerente da filial á rua 7 de Setembro 113 (mod.), agradecemos a remessa do *Boletim*.

Geito

— Quando uma pessoa é geitosa meu amigo pode fazer maravilhas. Tudo neste mundo é simples questão de geito. No geito, como sabes, entra um bocadinho de manha. Pois é isso. Com geito tudo se consegue, até saltar de um edificio alto como o do *Jornal do Brasil* e ficar incolume.

— Nada, isso é que não é possivel.

— Como não é possivel?

— Pois se o *Jornal do Brasil* tem para ahi uns dez andares! Um homem que saltasse de lá de cima, chegaria cá em baixo esborrachado...

— Pois sim, mas com geito, meu filho, o salto não seria da cupola, e sim do andar terreo.

Communicamos aos nossos amados leitores que o Congresso dos Jornalistas Catholicos acaba de nomear a *Careta* seu orgão official.

ANATOLE FRANCE

O CRIME
DE
SYLVESTRE BONNARD

SEGUNDA PARTE

Joanna Alexandra

IV

Isto interessa-me pouco. Elle accrescenta, (e isto interessa-me muito) que a fraca somma que tinha em seu poder para a educação da sua pupilla se acha exgotada, e, que, nessas circumstancias, admira profundamente o desinteresse da menina Préfére, que consente em conservar comsigo a menina Joanna.

Uma luz magnifica, luz de um bello dia, verte as suas ondas incorruptiveis naquelle logar sórdido e illumina aquelle homem.

Lá fóra, essa luz espalha o seu esplendor por sobre todas as miserias de um bairro populoso.

Como é doce, essa luz, de que se enchem os meus olhos desde ha tanto tempo e que eu deixarei de gozar para nunca mais! Caminho, pensativo, de mãos atraz das costas, ao longo das fortificações, e acho-me, sem saber como, nos «faubourgs» perdidos, plantados de jardins rachiticos. A' beira do caminho pulvioso, encontro uma planta, cuja flor a um tempo brilhante e sombria, parece feita para se associar aos mais nobres e mais puros pezares. E' uma anquilégia.

Nossos paes chamavam-lhe a luva de Nossa Senhora que se fizera muito pequenina, para apparecer ás creanças, as quaes sómente poderiam fazer deslisar os seus dedinhos nas estreitas capsulas daquella flor.

Vejo um grande bezouro, que se colla a ella brutalmente; a sua bocca não póde chegar ao nectar e o guloso esforça-se vãmente. Renuncia emfim, e sae todo borrado de pollen. Retoma o seu vôo pezado; mas as flores são raras n'aquella «faubourg» sujo pela fuligem das fabricas. Torna á anquilégia e, desta vez, fura a corolla e suga o nectar através da abertura feita; nunca julguei que um bezouro tivesse tanto senso. E' admiravel. Os insectos e as flores maravilham-me cada vez mais, á medida que os observo melhor. Sou como o bom Rollin a quem as flores dos seus pecegueiros encantam. Desejaria muito ter um lindo jardim, e viver na orla de um bosque.

Agosto-setembro

Tive a idéa de vir, um domingo de manhã espiar, o momento em que as alumnas de mademoiselle Préfére vão em fila á missa.

Vi-as passar duas a duas, as mais pequenas á frente, com rostos sérios. Havia tres vestidas semelhantemente, baixas, roliças, com ares de importancia, que eu reconheci serem as Meninas Mouton. A irmã mais velha é a artista que desenhou a terrivel cabeça de Tatius, rei dos Sabinos.

No flanco da columna, a sub-directora, de livro de missa na mão, agitava-se e franzia os sobr'olhos. As do meio, depois as maiores, passaram cochixando. Mas não vi Joanna.

Perguntei no ministerio de instrucção publica se havia ali no fundo de qualquer cartão notas a respeito da instituição da rua Domours. Obtive como resposta que mandariam lá inspectoras. Estas voltaram trazendo as melhores informações. A pensão Préfére é, a seu ver, uma pensão modelo. Se provoco uma syndicancia, é caso certo, mademoiselle Préfére receber as palmas academicas.

3 de outubro

Esta quinta-feira, por ser dia de sahida, encontrei, nas immediações da rua Demours, as tres pequeninas Mouton.

Depois de cumprimentar a mãe d'ellas, perguntei á mais velha, que deve ter uns doze annos, como estava a menina Joanna Alexandre, sua condiscipula.

A pequenita Mouton respondeu-me redondamente:

— Joanna Alexandre não é minha condiscipula. Ella está na pensão por caridade, e por isso, obrigam-a a varrer as casas. Foi a mademoiselle que mandou.

As tres pequenitas continuaram a sua marcha, e a senhora Mouton seguiu-as de perto, deitando-me, por cima da sua larga espadua, um olhar de desconfiança.

Ai de mim! estou sujeito a diligencias suspeitas. A senhora de Gabry não voltará a Paris senão d'aqui a tres mezes, pelo menos. Longe della, não tenho nem tacto nem espirito; não sou mais que uma machina pesada, incommoda e prejudicial.

E não posso, no entanto, soffrer que Joanna seja creada de pensionato e fique exposta aos ultrajes de mestre Mouche.

28 de dezembro

O tempo estava negro e frio. Era já noite. Toquei á portasinha, com a tranquillidade de um homem que nada teme. Logo que a creada, timida, abriu, metti-lhe uma moeda de ouro na mão e prometti-lhe outra, se ella fizesse com que eu conseguisse ver a menina Joanna Alexandre. A sua resposta foi:

— Daqui a uma hora, á janella de grades. E fechou-me a porta na cara, tão rudemente, que o chapéo tremeu-me na cabeça.

Esperei uma longa hora, no meio de turbilhões de neve, depois, approximei-me da janella. Nada.

O vento estava enraivecido e a neve cahia basta. Os operarios que passavam perto de mim, com as suas ferramentas ás costas, a cabeça baixa mettida nos espessos flocos, topavam em mim. E nanada. Eu temia que me notassem. Sabia ter procedido mal, seduzindo uma serva, mas não tinha d'isso nenhum remorso.

E' desprezivel todo aquelle que não sabe sahir em caso de necessidade, fóra das regras communs. Um quarto de hora se passou. E nada. Enfim, a janella entreabriu-se.

— E' o senhor Bonnard?

— E' vocemecê, Joanna? Numa palavra, o que é feito?

— Eu estou bem, muito bem!

— Mas... o que mais?

— Puzeram-me na cosinha e varro as casas.

— Na cosinha! varredeira, a menina! Ora seja pelo amor de Deus!

— Sim, porque o meu tutor já não paga a pensão.

— O seu tutor é um miseravel.

— Olhe, o senhor sabe?...

— O que?

— Oh! não me obrigue a dizer... Mas eu antes queria morrer que estar a sós com elle.

— E porque não me escreveu, Joanna?

— Sou vigiada.

N'este momento, a minha resolução estava tomada e nada d'ella me poderia demover. Veio-me, é certo, á idéa, que podia não estar no meu direito, mas bem me importava cá essa idéa. Sendo resoluto, fui prudente. Procedi com calma notavel.

— Joanna, perguntei, este quarto communica com o pateo?

— Sim.

— E a menina póde puxar o cordão?

— Sim, se não estiver ninguem na loja.

— Vá ver, e faça a diligencia de que a não vejam.

Esperei, vigiando a porta e a janella.

Joanna reappareceu, por detraz dos varões, depois de cinco ou seis segundos, enfim!

— A creada está na loja, me disse.

— Bem, disse eu. Tem uma penna e tinta?

— Não.

— E um lapis?

— Tenho.

— Passe-m'o cá.

Tirei do bolso um jornal antigo e, sob o vento, que sibilava, a ponto de apagar os lampeões, no meio da neve que me cegava, arranjei o melhor que pude, em redor daquelle jornal, uma cinta com a direcção da senhora Préfére. Emquanto escrevia, perguntei a Joanna:

O carteiro, quando passa, mette as cartas e demais papeis na caixa, e toca? A creada abre a caixa e vae immediatamente levar a mademoiselle Préfére tudo o que encontra nella? E' assim que se passam as coisas em cada distribuição?

Joanna disse-me que julgava que tudo se passava d'esse modo.

— Nós veremos. Joanna, espreite mais uma vez, e logo que a criada haja sahido da loja, puxe o cordão e venha cá fóra.

Dizendo isto, deitei o meu jornal na caixa, toquei valentemente, e fui-me esconder no vão de uma porta visinha.

Estava alli havia alguns minutos, quando a portasinha oscillou, se entreabriu depois, e uma cabeça jovem passou através. Tomei-a e attrahi-a a mim.

— Venha, Joanna, venha.

Ella olhou-me com inquietação. Certamente temia que eu estivesse doido. Eu estava, ao contrario, cheio de bom senso.

— Venha, venha, minha filha.

— Para onde?

— Para casa da senhora de Gabry.

Então, ella tomou-me o braço. Corremos algum tempo, como se fossemos dois ladrões. A corrida não é o que convém á minha corpulencia.

Detendo-me meio suffocado, apoiei-me a qualquer cousa, que depois vi ser o fogareiro de um vendedor de castanhas, estabelecido ao canto de uma loja de bebidas, onde estavam bebendo alguns cocheiros. Um d'elles, perguntou-nos se precisavamos de um trem.

De certo! Precisamos de um. O homem do chicote, tendo pousado o seu copo no balcão zincado, subiu para a cadeira e fustigou o cavallo para a frente. Estavamos salvos.

— Uff! exclamei eu, enxugando a testa, porque apezar do frio, suava a grossas gottas.

O que é extraordinario, é que Joanna parecesse ter mais do que eu a consciencia do acto que acabava-mos de praticar. Estava muito séria e visivelmente inquieta.

— Na cosinha! exclamava eu com indignação.

Ella sacudiu a cabeça, como a dizer:

«Lá ou em qualquer outra parte, tanto me faz!»

E, á luz das lanternas notei com dor, que o seu rosto estava magro e os seus traços salientes. Não lhe achava já aquella vivacidade, aquelles bruscos enthusiasmos, aquella palavra prompta que n'ella tanto me tinha agradado.

Os seus olhares eram lentos, os seus gestos constrangidos, a sua attitude triste. Travei-lhe da mão, uma mão endurecida, endolorida e fria.

A pobre criança tinha soffrido muito. Interroguei-a: ella contou-me tranquillamente que, mademoiselle Préfére a tinha mandado chamar um dia, que a tinha chamado de monstro e viborasinha, sem que ella soubesse a razão.

E accrescentára: «A menina não tornará a ver o senhor Bonnard, que lhe dava máos conselhos e que se portou muito mal para commigo». Eu disse-lhe: «Isso, mademoiselle, é que eu não acreditarei nunca».

Mademoiselle deu-me uma bofetada e remetteu-me ao estudo. Esta nova de que eu o não veria mais, foi para mim como a noite quando cahe. O senhor sabe, essas noites em que a gente está triste, quando a sombra nos envolve, pois bem! imagine esse momento prolongando-se durante semanas, durante mezes.

Um dia, eu soube que o senhor estava no palratorio com a directora, espreitei-o; nós dissemos: «Até mais ver!» Fiquei um pouco consolada.

Algum tempo depois d'isso, o meu tutor veio ver-me uma quinta-feira. Recusei sahir com elle. Respondeu-me, muito mansamente, que eu era uma menina muito caprichosa. E deixou-me em paz. Mas, no dia seguinte, de manhã, mademoiselle Préfére, chegou-se a mim com ares tão máos que me fizeram medo.

Tinha uma carta na mão. «Menina, me disse, o seu tutor diz-me que já se lhe acabaram todas as sommas que pertenciam á menina. Não se assuste: eu não a quero abandonar, mas ha de convir que é justo que trabalhe para ganhar a sua vida».

Então empregou-me em limpar a casa e, algumas vezes fechava-me num celleiro, dias inteiros. Aqui tem o senhor o que aconteceu na sua ausencia.

Se tivesse podido escrever ao senhor Bonnard, não sei se o teria feito, porque não acreditava que fosse possivel o senhor tirar-me do pensionato, e, como não me forçavam a ir ver mestre Mouche nada me apressava. Podia esperar no celeiro e na cosinha.

— Joanna, exclamei eu, nem que tenhamos de ir até á Oceania, a abominavel Préfére nunca mais porá os olhos em cima da menina.

Faço sobre isso um grande juramento. E porque não iremos nós para a Oceania? O clima d'alli é são e eu vi outro dia n'um jornal que ha lá pianos. Entretanto, vamos a casa da senhora de Gabry que, por felicidade, está em Paris ha tres ou quatro dias; por que nós somos dois innocentes e temos grande precisão de auxilio.

Emquanto eu falava, as feições de Joanna empallideciam e amorteciam-se; os seus olhos velavam-se, e uma ruga dolorosa contrahia-lhe os labios entreabertos. Ella deixou pender a cabeça para cima do meu hombro e ficou sem conhecimento.

Tomei-a nos meus braços, e subi assim a escada da senhora de Gabry, como se levasse ao meu collo uma creancinha adormecida. Abismado de fadiga e de commoção, verguei com ella em cima da bancada do patamar.

Alli, ella não tardou a reanimar-se:

— Ah! é o senhor! me disse entreabrindo os olhos. Estou contente.

Fizemos abrir naquelle estado, a porta da nossa amiga.

Davam oito horas. A senhora de Gabry acolheu o velho e a criança com bondade.

Surprehendida, ella estava-o certamente, mas não nos fez perguntas.

— Minha senhora, lhe disse, nós vimos collocar-nos, ambos, debaixo da sua protecção. E antes de tudo, vimos pedir que nos dê de cear.

Pelo menos a Joanna, que acaba de desmaiar de fraqueza, na carruagem. Por mim, não poderia meter um bocado no estomago a esta hora tardia, sem preparar-me uma noite de agonia. Espero que o senhor de Gabry estará de saude!

— Elle está em casa, me disse ella. E não tardou em advintil-o da nossa vinda.

Tive o prazer de ver o seu rosto franco e de apertar a sua mão larga. Passámos os quatro á sala de jantar e emquanto serviram a Joanna carne fria, na qual ella não tocou, contei o acontecido. Paulo de Gabry pediu-me licença para acender o seu cachimbo, depois, escutou-me silenciosamente. Quando acabei, coçou na sua barba curta e espessa.

— Safa! exclamou elle, o senhor metteu-se em bons lençóes, não haja duvida, senhor Bonnard!

Depois, notando que Joanna virava ora para mim ora para elle os seus grandes olhos assustados:

— Venha commigo, me disse.

Eu segui-o ao seu gabinete, onde brilhavam á luz das lampadas, sobre as tapeçarias escuras, carabinas e facas de matto. Uma vez alli, elle fez-me tomar logar numa poltrona de couro e disse-me:

— Que fez o senhor, que fez o senhor meu Deus?! Desvio de menor, rapto, levamento da mesma!

O senhor arranjou um bom par de botas!

Está, nem mais nem menos, que incurso na pena de cinco a dez annos de prisão.

— Misericordia! exclamei eu; dez annos de prisão por ter salvo uma innocente criança!

— E' a lei! respondeu-me o senhor de Gabry. Conheço bem o codigo, vê o senhor, meu caro Bonnard, sei-o, não por que seja formado em direito, mas porque sendo «maire» de Lusancio, tive de informar-me n'elle para poder informar os meus administrados. Mestre Mouche é um patife, a Préfére uma mulher infame, e o senhor um... não acho palavra que lhe fique bem a calhar.

Tendo aberto a sua estante de livros que continha colleiras de cão, chicotes, estribos, esporas, caixas de tabaco e alguns livros usuaes, pegou n'um codigo e poz-se a folheal-o.

«Crimes e delictos... sequestração de pessoas», este não é o seu caso... Rapto de menores..., é isto... ARTIGO 354. — «Todo aquelle que haja, por fraude ou violencia, roubado ou feito roubar menores, ou as haja levado comsigo, depois de desviadas ou tiradas da sua condição ou as haja feito desviar, ou deslocar dos logares onde ellas hajam sido collocadas por aquelles á auctoridade ou á direcção dos quaes ellas estavam submettidas ou confiadas, incorrerá na pena de reclusão. Ver o codigo penal, 2s e 28. 21 — A duração da reclusão, será pelo menos de cinco annos... 28 — A condemnação á reclusão importa a perda dos direitos civicos».

Quer-me parecer que está bem claro, não é verdade, senhor Bonnard?

— Clarissimo.

Continuemos. ARTIGO 356 — «Se o raptor não tiver ainda vinte e um annos não será punido senão com um anno...» Isto não nos diz respeito. ARTIGO 357 — «No caso que o raptor haja desposado a menor que haja desviado, só poderá ser perseguido no caso de queixa das pessoas que, segundo o codigo civil, tenham o direito de pedir a annullação do casamento e não poderá ser condemnado senão depois de que a nullidade do casamento haja sido pronunciada».

Eu não sei se está nos projectos do senhor Bonnard desposar a menina Alexandre. Como o senhor vê, o codigo é bom rapaz, e dá-lhe uma sahida por este lado. Mas eu não devo gracejar, porque a sua situação é realmente má. Como é que a um homem como o senhor, lhe passou pela cabeça, que se podia em Paris, no Paris, do seculo XIX, levar comsigo, impunemente uma menina? Nós não estamos na idade média, e o rapto não é permittido.

(Continúa)

A EQUITATIVA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

125 — AVENIDA CENTRAL — 125

Pagamento de mais uma apolice sinistrada

10:000$000

Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1910.

Illms. Srs. directores da Equitativá dos Estados Unidos do Brazil — Presentes — Amigos e senhores — Na qualidade de procurador da Exma. Sra. D. Maria Carolina Furtado, é-me sobremodo grato patentear a essa directoria o reconhecimento que, por parte da minha constituinte, tenho a satisfação de apresentar-lhes, pelo pagamento da apólice sinistrada numero 1.213*

Se bem que a Equitativa seja de sobra conhecida, comtudo, devo salientar a boa vontade por VV. SS. manifestada para a prompta liquidação do sinistro, o qual, mais uma vez, vem demonstrar as grandes vantagens da instituição do seguro de vida, que, no caso vertente, facultou á minha constituinte o pagamento da importancia de 10:000$, conforme apólice n. 1.213, emittida sobre a vida do Sr. João Furtado Belleza, e hoje liquidada.

Sem outro motivo, aproveito o ensejo para subscrever-me com elevada consideração — De VV. SS. attento, venerador e criado.

Raymundo Arthur de Vasconcellos

Nota :

Monta a cerca de 10.000:000$ o valor pago em dinheiro, pela Equitativa, em apólices sinistradas, resgatadas e sorteadas.

APÓLICE N. 13.845

Illm. Sr. superintendente da Equitativa.

Com o coração transbordando de reconhecimento venho agradecer-vos a gentileza de ter vindo com tanta presteza á minha casa effectuar o pagamento de 5:000$, pela apólice sorteada em 15 do corrente, não obstante eu já ter recebido integralmente o seguro, que em tão boa hora effectuou o meu pranteado marido Antonio Pedro de Araújo, nessa riquíssima sociedade. Que seria de mim, viuva,com seis filhinhos, paupérrima, se não fosse o seguro effectuado pelo meu saudoso marido, na humanitaria Equitativa ?

E eu procurei obstar, fil-o desmanchar o primeiro seguro, não quiz consentir o segundo, devido a conselhos de amigas supersticiosas, e o meu marido, com extraordinaria energia, não attendeu aos meus rogos, tornando effectivo o seguro, que hoje me collocou e aos meus filhinhos ao abrigo da necessidade.

Que meu exemplo sirva de licção a muitas mães de família, supersticiosas, que procuram impedir que seu maridos façam seguros de vida ,cujo acto revela um impulso de nobreza e dedicação dos chefes de familia, que procuram garantir o futuro dos seus.

Podeis fazer desta o uso que lhe convier.

Santos, 24 de Abril de 1908.

Vossa admiradora e creada
Celiza Laudares de Araújo

Rua Bittencourt 189.

APÓLICES NS. 52.738 9

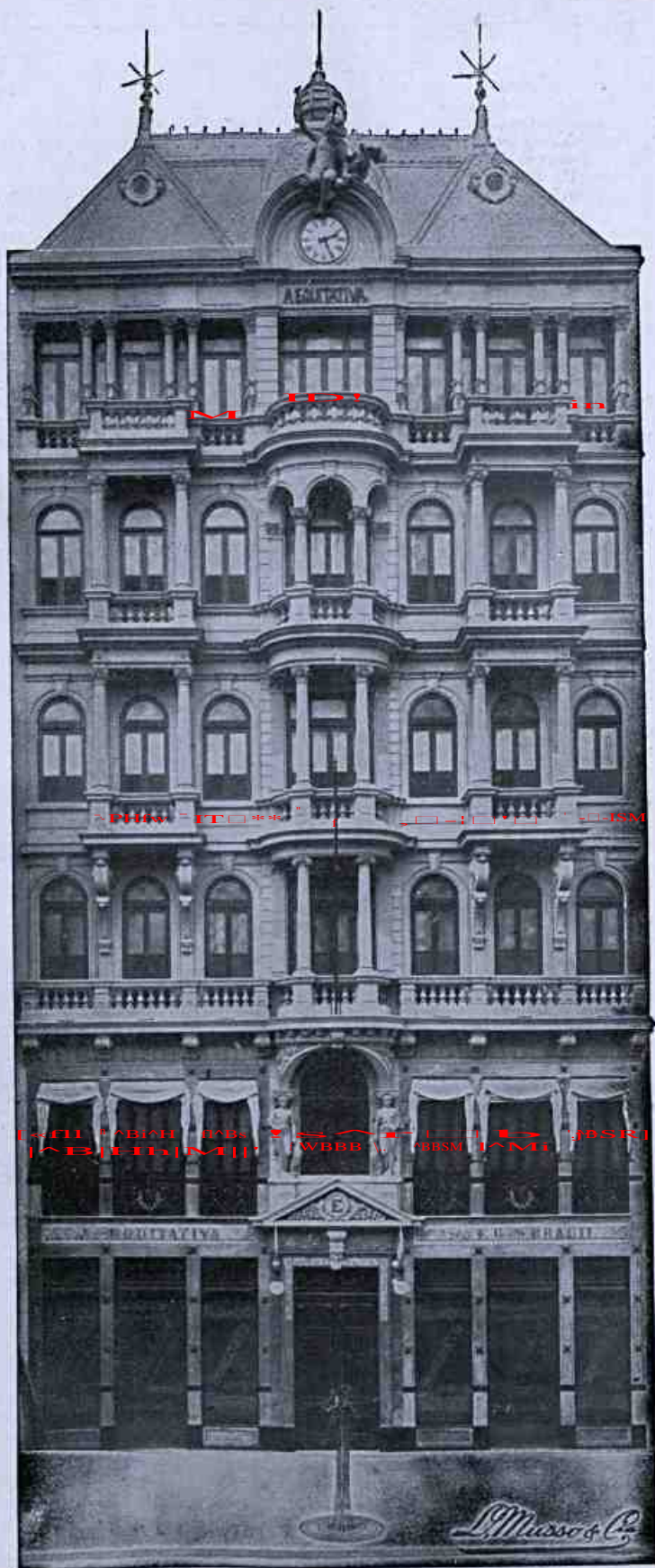
Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1909.

Illms. Srs. directores da Equitativa dos Estados Unidos do Brazil — Rio de Janeiro — Amigos e Srs. — Já em 15 de Outubro de 1908 tive a satisfação de escrever a VV' SS. agradecendo o pagamento de 5:000$, com que fôra nesse dia contemplada pela segunda vez a minha apólice n. 52.738.

Hoje tenho novamente o prazer de voltar á presença de VV. SS., para, mais uma vez, patentear os meus agradecimentos pelo pagamento que acaba de me ser feito da quantia de outros 5:000$, importancia esta que representa a sorte que me coube hoje, e correspondente á minha apólice n. 52.739.

Pelo que acima fica exposto, verifica-se que em um periodo de anno e meio tive a felicidade de ser contemplado em tres sorteios semestraes consecutivos, e assim receber a quantia de 15.000$ em moeda corrente, sem absolutamente prejudicar as demais vantagens que me conferem as citadas apólices ns. 52.738|9, as quaes ficam em inteiro vigor e, portanto, com direito a concorrerem aos demais sorteios, nos termos do contracto.

Reiterando os protestos de meus agradecimentos, subscrevo-me com alta estima e consideração, de VV. SS., amigo attencioso e obrigado,

Arthur Ivans Q. da Silva

Pedir prospectos e tabellas de seguro com sorteios em dinheiro em vida do segurado

Na séde social e com seus agentes em todos os Estados da União

"CLUBS CASA STANDARD"

106, Ouvidor, 106—Filial em S. Paulo: 12, Praça Antonio Prado, 12

— Vês, caro amigo, esta admiravel nitidez! Queres escrever assim ?

— Escrever assim, para quem tem como eu, uma lettra ilegivel, seria a salvação. Mas como obterei uma dessas machinas ?

— Inscrevendo-te num dos Clubs da Casa Standard.